



Cira Arqueologia

N.º 7



Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

AVEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

➤ A intervenção arqueológica do Centro de Saúde de Alhandra: espaço de culto e morte do século XVIII

HENRIQUE MENDES

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX

DAVID GONÇALVES

LABORATÓRIO DE ARQUEOCIÊNCIAS DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (LARC/CIBIO(INBIO))

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E SAÚDE DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA FORENSE CENTRO DE ECOLOGIA FUNCIONAL

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOÃO PIMENTA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX/UNIVERSIDADE DE LISBOA – FACULDADE DE LETRAS – UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA)

RESUMO

O presente trabalho, apresenta os resultados referentes ao estudo arqueoantropológico da intervenção arqueológica realizada em 2011, quando da construção do novo Centro de Saúde de Alhandra.

A escavação da área onde se veio a edificar o Centro de Saúde de Alhandra permitiu identificar, analisar e registar diversos vestígios coerentes e em excelente estado de conservação das mais antigas ocupações da antiga Vila e sede de concelho.

A escavação em área e em profundidade até aos níveis de base, numa área de cerca de 530 metros quadrados, permitiu reconstituir os ritmos de ocupação humana nesta área da Vila ribeirinha de Alhandra.

Perante as evidências estratigráficas detetadas pela intervenção, foi possível distinguir, diferentes fases e pavimentações das antigas habitações que aí existiram ao longo do século XVII e XVIII.

O estudo antropológico reporta-se aos dados recolhidos pela exumação de 28 esqueletos inumados em deposição primária, assim como de outros conjuntos de ossos humanos correspondentes a ossários ou ossos dispersos em função de acção antrópica. Apesar do edifício religioso ter sucumbido ao terramoto de 1755, foi ainda possível escavar e salvaguardar pelo registo arqueológico, a totalidade da planta da ermida de São Francisco. Esta apesar de conservada apenas ao nível dos alicerces, permitiu contudo, reconstituir a sua volumetria, e vislumbrar as suas funcionalidades ou espaços, que agora se apresentam.

ABSTRACT

This work introduces the results of the archeoanthropological study of the archaeological intervention carried out in 2011, when the new Alhandra Health Center was built.

The excavation of the area where the Alhandra Health Center was erected allowed the identification, analysis and recording of several coherent and well-preserved remains of the oldest occupations of the old village and of the municipality center.

The excavation was carried out in an area of about 530 square meters, and to the fullest depth or archeological occupation, this allowed the reconstitution of the rhythms of human occupation in this area of the riverside village of Alhandra.

With these stratigraphical evidences, identified by the intervention, it was possible to distinguish different phases of occupation including several floorings of the old dwellings that existed here throughout the seventeenth and the eighteenth centuries. The anthropological study alludes to the data collected by the exhumation of 28 skeletons buried in primary deposition, as well as of other sets of human bones corresponding to ossuaries or bones dispersed due to anthropic action.

Although the religious edifice succumbed to the earthquake of 1755, it was still possible to excavate the entire plant of the Church of São Francisco, and safeguard the knowledge obtained through archeological record. Although preserved only at the foundation level, it was nevertheless possible to reconstruct its proportions, and to glimpse the functionalities and spaces of this building, which are now presented here.

1. Razões da intervenção:

A área onde se veio a implantar o atual Centro de Saúde de Alhandra corresponde à zona onde outrora se ergueu a antiga ermida de São Francisco.

No conjunto edificado, existente á data da intervenção, era ainda possível observar na fachada virada à Rua 5 de Outubro o primitivo portal e cunhais da antiga Igreja, últimos vestígios daquele imóvel religioso (figura 1). Estes elementos de valor patrimonial constam ao nível da 1.ª Revisão do PDM de Vila Franca de Xira, na categoria de arquitetura religiosa (n.º 59), nos “Outros Imóveis com Interesse” – “Valores Culturais”, os quais *não estando classificados, nem em vias de classificação, assumem importância no âmbito do património concelhio a nível histórico, cultural e arquitetónico*.

A área intervencionada localizava-se, deste modo, no perímetro do antigo núcleo histórico de Alhandra, na antiga Rua de São Francisco, atual Rua 5 de Outubro, em correspondência com o n.º 42 (ver figura 3 e 9).

A ermida de São Francisco de Alhandra terá pertencido à Ordem Terceira, existindo referência à data de constituição da respetiva irmandade de São Francisco, em 1721. Relativamente ao momento de fundação da ermida propriamente dita, este não é conhecido, apesar de se poder conjeturar, através da análise da própria tipologia do seu portal, que remontará a um período anterior à fundação da irmandade.

No que diz respeito ao PDM, esta parcela de terreno encontrava-se simultaneamente dentro da área do “C.3 Conjunto Edificado de Alhandra” – dentro dos “Conjuntos Urbanos com Interesse” definidos igualmente no âmbito da 1.ª Revisão do PDM de Vila Franca. A vila de Alhandra conserva, efetivamente no seu tecido urbano ainda hoje, as características de vila tipicamente ribeirinha, visível na harmonia do seu urbanismo, constituindo o mais bem conservado dos núcleos urbanos do concelho de Vila Franca de Xira.

Por estarmos perante uma área de grande interesse arqueológico situada, por um lado dentro da área do centro antigo da vila de Alhandra, por outro, na zona onde existiu a antiga ermida de São Francisco, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira previu a realização de sondagens arqueológicas prévias, a fim de serem acautelados quaisquer trabalhos a nível do subsolo.

Os trabalhos arqueológicos realizados na área de construção do centro de Saúde de Alhandra enquadravam-se em duas fases distintas, encontrando-se as mesmas explanadas

no âmbito do Caderno de encargos, que o então sector de arqueologia do Museu Municipal de Vila Franca de Xira lançou com a própria obra.

Uma primeira intervenção com carácter prévio foi então efetuada pela equipa de arqueologia afeta ao Museu Municipal de Vila Franca de Xira em 2010. (Pimenta e Mendes, 2011).

Posteriormente, e já com a obra a decorrer, foram efetuadas 16 sondagens arqueológicas de diagnóstico distribuídas por 64 metros quadrados pela empresa de Arqueologia ERA (Jacinto, 2012). A realização destas sondagens revelou a existência de contextos associados à utilização sacralizada deste espaço, assim como permitiu a identificação de várias outras estruturas adjacentes correspondentes possivelmente à antiga ermida de S. Francisco (figuras 4 a 7).

É na sequência desta última intervenção e pela necessidade de definir em concreto a ou as áreas de necrópole associadas à antiga ermida de São Francisco que se desenvolveram os naturais mecanismos conducentes à posterior intervenção arqueológica que este artigo pretende explorar.

Figura 1

Fachada da ermida de São Francisco no início dos trabalhos.



Figura 4

Planta da área da intervenção arqueológica do Centro de Saúde de Alhandra, com localização das Sondagens efetuadas pela Empresa Era Arqueologia, (segundo Jacinto, 2012).

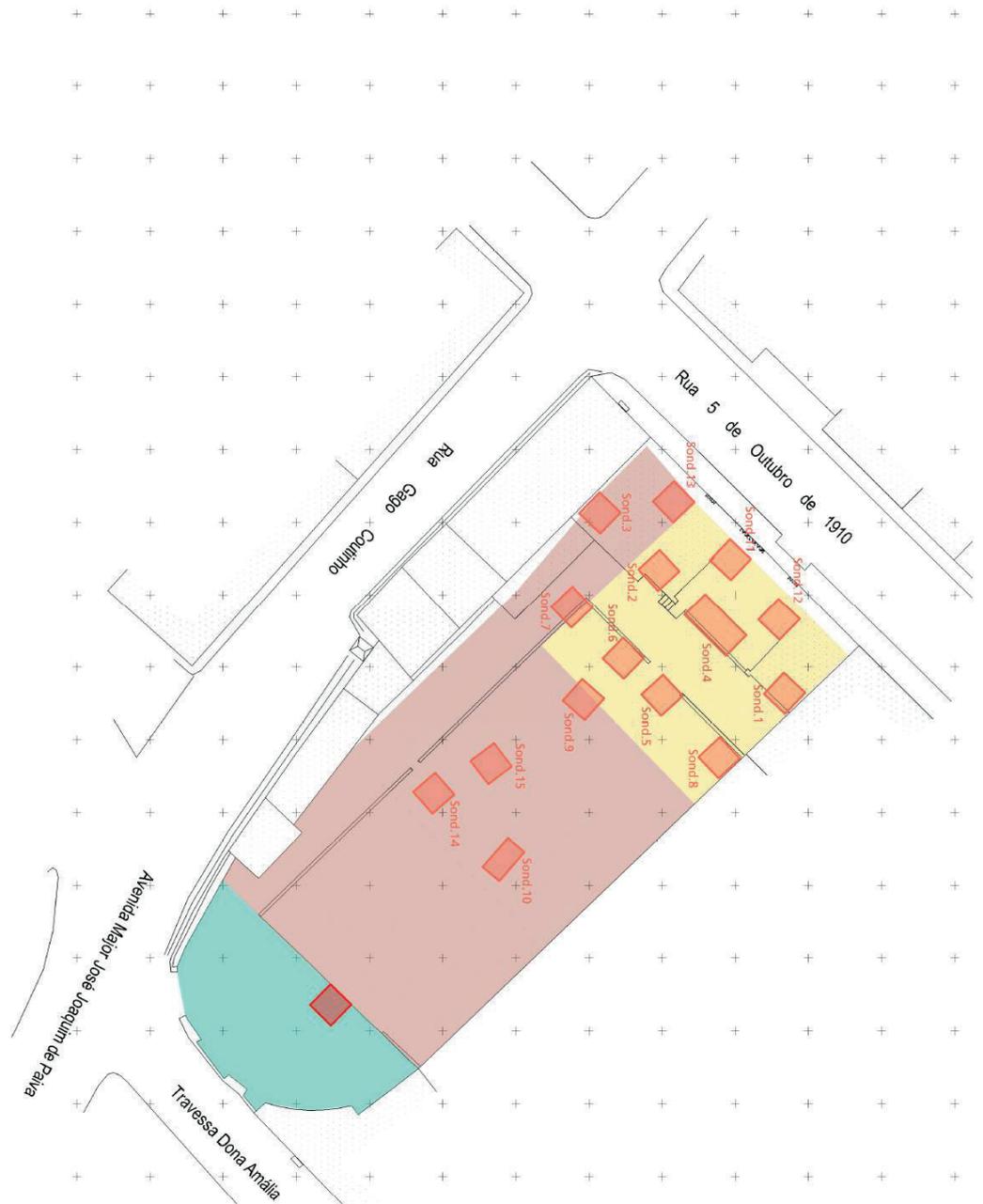
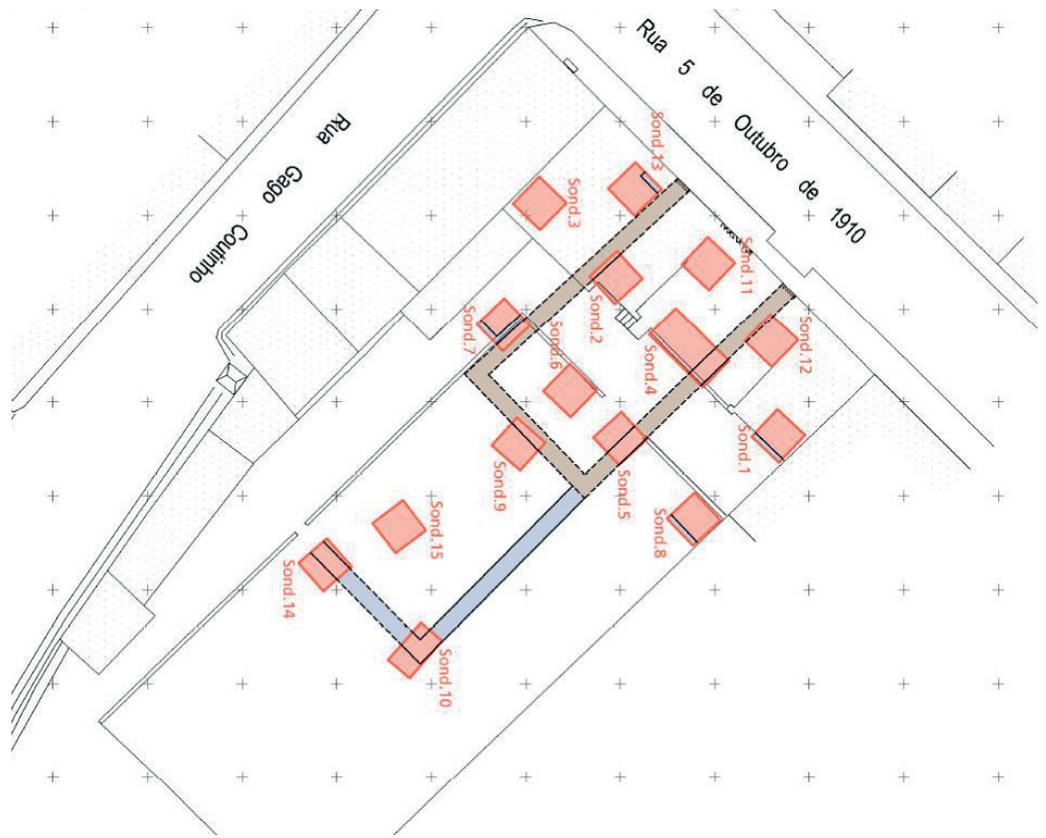


Figura 5

Planta da área da intervenção do Centro de Saúde de Alhandra, com localização das estruturas detetadas e sua interpretação pela Empresa Era Arqueologia, (segundo Jacinto, 2012).

**Figura 6**

Estado do terreno durante os trabalhos de escavação da Empresa ERA Arqueologia.



Figura 7

Pormenor geral das sondagens realizadas pela Empresa ERA Arqueologia.



2. Enquadramento Histórico Arqueológico

De acordo com a documentação histórica, arqueológica e cartográfica disponível, o núcleo histórico da antiga Vila de Alhandra, corresponde a uma zona com elevado potencial arqueológico.

As características topográficas do morro do Castelo de Alhandra, com condições naturais de defensibilidade e o domínio estratégico sobre o rio e a antiga Estrada Real, levaram a que desde cedo, comunidades humanas aqui se estabelecessem (Pimenta e Mendes, 2016).

Embora ainda não seja conclusiva, a existência de uma ocupação romana no monte do Castelo, ela é assaz plausível, face à descoberta, em recentes trabalhos de prospeção arqueológica aí efetuados de fragmentos de ânforas romanas balizados em meados do século I d.C. A presença do período islâmico, encontra-se materializada no seu topónimo Alhandra, que alguns autores explicam como proveniente das palavras Árabes “*alhodera*” (Tributo) ou “*Alhama*” (Banho ou águas medicinais) (Catarino, 2000). Com a conquista cristã do Vale do Tejo, surgem pela primeira vez documentos escritos relativos à história desta povoação, que recebeu foral do bispo de Lisboa em 1203. Nesta fase, o núcleo habitacional devia estar concentrado na área do monte do “Castelo”, onde existia uma fortificação (Pimenta e Mendes, 2007).

Pouco se pode aferir acerca desta estrutura, devendo estar englobada na linha de defesas do vale do Tejo, no período instável da reconquista em que esta área foi fronteira com os territórios Árabes do Império Almôada.

O local onde se hoje ergue a igreja paroquial, é desde época medieval, espaço religioso. Segundo as memórias paroquiais de Alhandra, o Cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa em 1558, manda reedificar um templo com o orago de São João Baptista no local

onde já existia uma ermida dedicada a Santa Catarina Virgem Mártir (Parreira, 1987/88).

Na área alvo de afetação pela construção do Centro de Saúde de Alhandra, situava-se a Ermida de São Francisco. Este edifício religioso terá pertencido à Ordem Terceira, tendo-se constituído em seu torno a irmandade de São Francisco, no ano de 1721 (ver figura 2).

Poucas são as informações documentais que possuímos acerca deste edifício e das suas utilizações. Importa porém reter que segundo as memórias paroquiais, a sua destruição se encontra conotada com o terramoto de 1755 (Cosme e Varandas, 2010).

3. As ordens Terceiras de São Francisco em Portugal

O aparecimento das ordens terceiras encontra-se profundamente conectado com as mudanças impostas à cristandade nos séculos XI e XIII. “Em um mundo que continuava sendo essencialmente rural, as cidades viviam um verdadeiro renascimento e apareciam novos grupos sociais” (Vauchez, 1995, p. 65). Esta nova classe social cognominada de burguesia conduziria a uma organização social distinta, pautada por um forte capital económico e cultural, que conduziria a inevitáveis repercussões no domínio da reflexão espiritual para os cristãos.

Não é de estranhar por isso que “O desenvolvimento das cidades, o surgimento de uma mentalidade do lucro, e a expansão económica do Ocidente no período arrancou a sociedade medieval da estagnação e obrigou a espiritualidade a se adaptar às novas condições da vida social” (Vauchez, 1995, p. 67). Fruto desta dualidade social no Ocidente Cristão, iremos assistir a uma mudança ou verdadeira revolução do paradigma católico, onde a assistência e ajuda aos pobres e mais carenciados irá ganhar cada vez mais um novo significado. “As transformações de carácter social ocorridas na Europa medieval conduziram deste modo, a um crescente sentimento de auxílio aos mais desfavorecidos e ao surgimento das novas ordens religiosas mendicantes e posteriormente das chamadas Ordens Terceiras, como a de São Francisco” (Sousa, 2015, p. 36).

O seu ideal de vida fica deste modo, pautado por uma vida evangélica de penitência e caridade que conduzirá pela Ordem dos Frades menores à criação da chamada Ordem Terceira Franciscana.

Abula papal “*Supra montem*” de Nicolau IV datada de 1289, viria a reconhecer o direito canónico da Ordem, sendo então aprovada a regra dos irmãos terceiros e a vinculação destes aos Frades Menores, ou seja, o reconhecimento efetivo da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis (Sousa, 2015, p. 38).

“Esta equiparação dos terceiros franciscanos com o clero e, em consequência disto, a obtenção pelos irmãos terceiros dos mesmos privilégios e isenções que os clérigos gozavam levou a um rápido crescimento da Ordem Terceira Franciscana em toda a Europa” (Sousa, 2015, p. 39). Estes privilégios conduziram anos mais tarde como nos relata Bartolomeu Ribeiro na obra (1954, p. 47) “Os terceiros Franciscanos Portugueses: Sete séculos da sua história” a “(...) queixas, levadas pelo nosso rei D. João II, e também pelos outros reis cristãos, perante o Papa Alexandre VI, motivaram a Bula “*Exhibita Nobis*” de 27 de Outubro de 1495, (...) que na execução dela proibiram admissões ao Hábito da Ordem Terceira, sem autorização deles para cada caso.”

Com o suposto fim dos privilégios concedidos aos irmãos terceiros, esta Ordem começa a perder grande parte dos seus atrativos, entrando em acentuado descrédito em Portugal e Espanha. Apenas no século XVII, após o Concílio de Trento, é que estas Ordens religiosas ganhariam uma nova dinâmica assistindo-se à sua revitalização como “palco ade-

quado para a exibição das manifestações de piedade leigas estimuladas pela Restauração Católica, entre as quais figuram com destaque as obras de caridade e a devoção à paixão de Cristo” (Martins, 2009, p. 40).

Para o território nacional a história das Ordens Terceiras Franciscanas divide-se em dois momentos distintos no tempo. Um primeiro momento, ligado à lenda de que S. Francisco de Assis a caminho de Santiago em peregrinação terá passado por Portugal por volta de 1214 e instalado em Trancoso, uma fraternidade de penitentes. Por infortúnio, o “documento original que estaria no Arquivo da Ordem Terceira da Vila de Trancoso, terá sido queimado e deste apenas existe uma cópia feita pelo secretário da ordem” (Sousa, 2015, p. 40). Segundo o manuscrito, Francisco de Assis teria ainda aí realizado uma procissão, passando posteriormente por várias cidades a caminho de Santiago de Compostela tais como Guarda, Linhares da Beira, Celorico da Beira, Viseu, Lamego Guimarães e Ponte de Lima.

Em 1516, surge o segundo momento da ordem, pautado por uma reestruturação da mesma. “O Capitulo Geral dos Menores Franciscanos celebrado em Toledo no ano de 1606 estabeleceu as bases de uma nova organização para a Ordem Terceira Franciscana e mandou que todos os Frades Menores pregassem as excelências da Ordem Terceira a todo fiel cristão” (São Francisco, 1684, p. 385).

No decurso dos séculos XVII e XVIII seriam compiladas e organizadas várias obras, destinadas apenas aos irmãos terceiros franciscanos, as quais apregoavam as disposições Tridentinas da promoção da vida religiosa entre os cristãos. A partir da “ (...) segunda metade do século XVII aparecem as fraternidades de Bragança, Moncorvo, Chaves, Vila Real, Lamego, S. Cipriano de Resende, Amarante, (...) Torres Vedras, Ericeira, Cascais, Vila Franca de Xira, Elvas, Campo Maior e Faro” (Ribeiro, 1953, p. 53-54).

A Ordem Terceira Franciscana com a sua popularidade e rápida difusão entre os variados estratos sociais, uma vez que tanto abrangia as classes mais carenciadas como atraía membros das elites mais abastadas e influentes, difundiu-se rapidamente por todo o território nacional. Assim se justifica que por exemplo “Somente em Lisboa seriam instalados até ao final do século XVIII, 3 conventos da Ordem Franciscana” (Sousa, 2016, p. 42).

A Ordem Terceira Franciscana em Portugal assume-se deste modo, como um agregado de fraternidades de leigos que resolveram unicamente juntar-se para viverem de acordo com os propósitos canónicos de São Francisco de Assis. A sua vivência encontrava-se deste modo plasmada num fortalecimento espiritual e ação apostólica de onde se destaca o estilo de vida despojado e simples e o observar do evangelho segundo São Francisco de Assis.

4. Metodologia de Intervenção

Os trabalhos arqueológicos ocorridos no espaço onde se veio a edificar o novo Centro de Saúde de Alhandra repartiram-se em três momentos distintos:

1. Por estarmos perante uma área de grande interesse arqueológico situada, por um lado dentro da área do centro antigo da vila de Alhandra, por outro, na zona onde existiu a antiga ermida de São Francisco, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira previu a realização de sondagens arqueológicas a fim de serem acautelados quaisquer trabalhos a nível do subsolo.

Face ao projeto apresentado, assegurou-se num primeiro momento em 2010, a realização de duas sondagens arqueológicas de 2mx2m pelos arqueólogos do Município (Pimenta e Mendes, 2011).

Estas tinham como objetivo acautelar todos os futuros trabalhos de escavação a nível do subsolo, encontrando-se as mesmas explanadas no âmbito do caderno de encargos que o sector de arqueologia lançou com a própria obra. As sondagens realizadas tinham como propósito avaliar as potencialidades da área a intervir, assim como, servir de base à programação da escavação mais alargada em área.

2. Tendo por objetivo a caracterização e a avaliação patrimonial dos dados previamente fornecidos pelas duas sondagens realizadas (que permitiram registar uma lata diacronia de ocupação deste espaço centrada entre os séculos XV a XVIII) seriam efetuadas pela empresa Era Arqueologia (Jacinto, 2012), um total de 16 novas áreas de sondagem de 1mx1m (ver figura 4 a 7).

A nova metodologia de trabalhos prendia-se com a necessidade de se definir em concreto a ou as áreas de necrópole associadas à antiga ermida de São Francisco bem como as eventuais estruturas associadas a este templo religioso que pudessem ainda estar preservadas.

3. Embora a presumível existência deste espaço sagrado ter ficado, deste modo, em parte esclarecido pela intervenção da empresa ERA Arqueologia, desconhecia-se a sua planta, extensão e estado de conservação. Tornava-se necessário colocar a descoberto nesta nova fase de trabalhos em 2011, a totalidade da planta da Igreja, espaços, anexos e respetiva área de necrópole.

Para os devidos efeitos, os trabalhos de antropologia biológica seriam assegurados no terreno, pela contratação de um dos signatários (D.G.), para a exumação das inumações já colocadas a descoberto, assim como de quaisquer vestígios que viessem a ser detetados.

A nível da metodologia de escavação implementou-se uma leitura em área seguindo os conceitos definidos por Philip Barker, (1986, 1989). Esta opção visava tentar recolher o máximo de informação possível numa óptica de leitura diacrónica. A leitura estratigráfica seguiu deste modo, a remoção das unidades estratigráficas pela ordem inversa da sua deposição, tendo o seu registo seguido a proposta de Harris (1989). As diversas características das unidades foram recolhidas em ficha elaborada para o efeito, sendo a sua sequência e correlações inserida em matriz de Harris (1989).

O espólio exumado foi posteriormente lavado e inventariado encontrando-se depositado nas reservas do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX).

5. Descrição e Duração dos Trabalhos

Tal como acordado em reunião celebrada no local em Janeiro de 2011, entre os técnicos do então IGESPAR e a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, os presentes signatários assumiram a direção dos trabalhos arqueológicos gizando-se por este motivo, uma nova fase e simultaneamente uma nova metodologia de trabalhos.

A nova metodologia pretendia definir em concreto as áreas de necrópole associadas à antiga ermida de São Francisco e a respetiva planta da mesma. Entenda-se, as sondagens efetuadas pela ERA, revelaram a presença de diversas estruturas circunscrevendo aparentemente um edifício de planta quadrangular e associados a este a presença de contextos de enterramento (Jacinto, 2012). Sendo assim, ficou acordado, avançar-se com uma escavação em área da totalidade do espaço a afetar pelos trabalhos de obra.

Os meios técnicos e humanos foram assegurados pelo Museu Municipal, sendo a equipa de trabalho constituída pelos três signatários, e por uma equipa de trabalhadores do Departamento

mento de Obras da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (DOVI) aos quais se agradece toda a colaboração prestada pela sua adaptabilidade a este tipo de trabalho tão sensível.

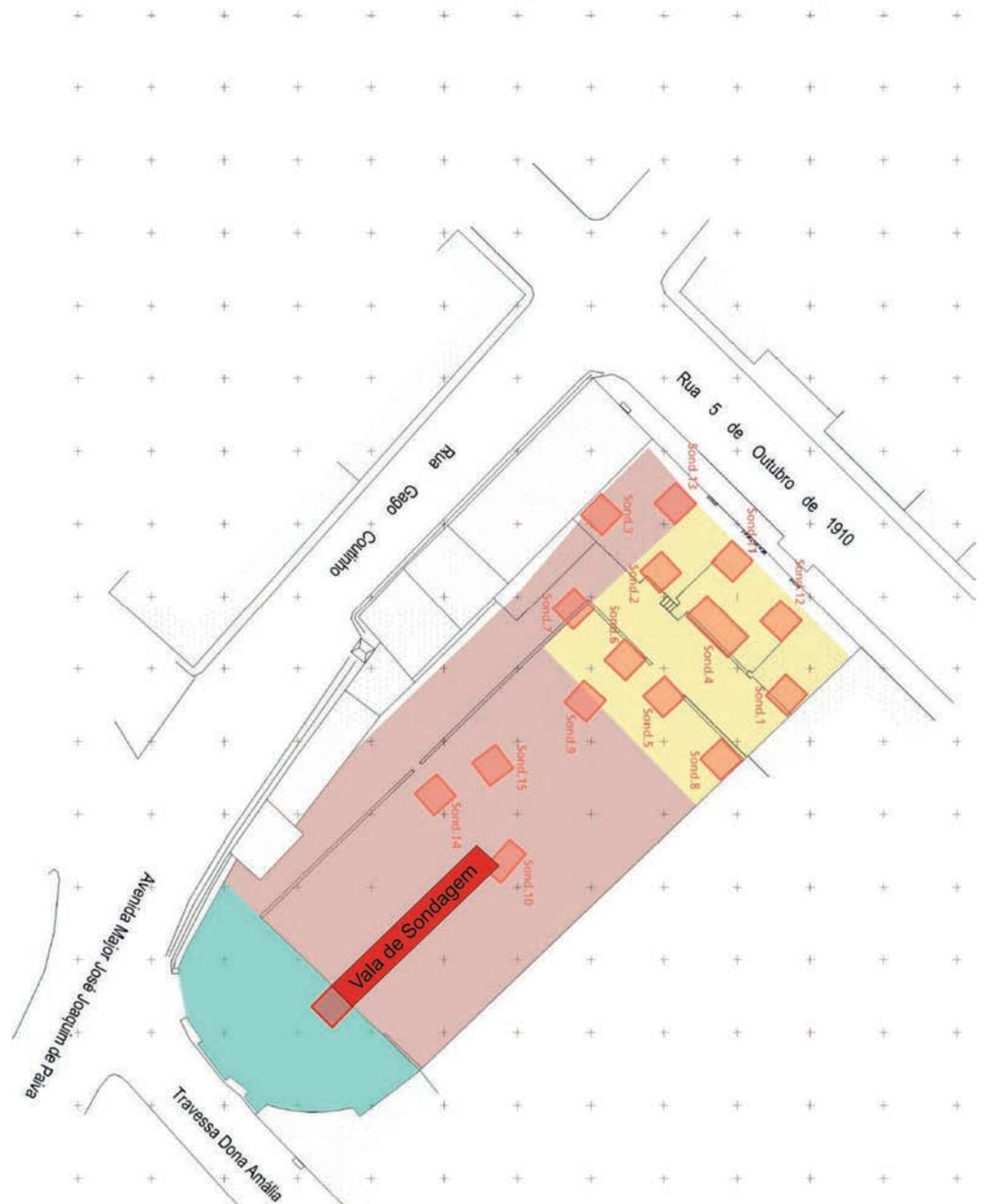


Figura 8
Planta da área da intervenção do Centro de Saúde de Alhandra, com localização das sondagens da Empresa Era Arqueologia, (segundo Jacinto, 2012). A vermelho vala mecânica de sondagem na área exterior à Igreja.

6. A Escavação em área

A primeira fase dos trabalhos incidiu na limpeza da área e levantamento topográfico do terreno, sendo o mesmo quadriculado com uma grelha de quatro metros por quatro.

A área intervencionada encontrava-se parcialmente coberta pelos vestígios da demolição dos edifícios aqui existentes pertencentes a uma coletividade recreativa local, assim como pelas infraestruturas de um ringue desportivo que ocupava grande parte da área a investigar.

Estas observações são particularmente reveladoras, pois como iremos ver, a sua existência afetou a diversos níveis as realidades pretéritas correlacionadas com este edifício sacro.

Após os naturais trabalhos de limpeza do espaço alvo de intervenção, iniciaram-se de imediato os trabalhos, avançando-se metodologicamente a partir da zona de fachada da antiga ermida ainda preservada virada à Rua 5 de Outubro (ver figuras 9 a 12). Na análise do alçado desta fachada verificava-se antes do início da intervenção o arranque em cilharia dos cunhais laterais da antiga ermida. Esta situação indicava que daí deveriam arrancar as paredes laterais da mesma. Observando-se do lado interno, verificava-se que apesar de desmantelado até ao nível dos alicerces, no lado esquerdo existia uma espécie de contraforte que mais não era que o arranque do limite da ermida.

A limpeza avançou a partir deste elemento estrutural, removendo-se um nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Correspondia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. A continuação dos trabalhos permitiu verificar que esta unidade, UE [19], estendia-se por toda a área e cobria as estruturas pétreas conotadas com os antigos edifícios aqui existentes.

Duas semanas de trabalhos permitiram deste modo, colocar a descoberto a totalidade da planta da ermida de São Francisco (ver figura 12 e 13), esta apesar de muito desmantelada, conservava a nível dos alicerces, a totalidade da sua planta, desde a fachada e porta original que se preservou até aos dias de hoje e que será integrada na fachada do centro de Saúde de Alhandra (ver figura 94), até à parede do altar e respetiva sacristia.

Paralelamente os trabalhos de decapagem manual, partindo das sondagens efetuadas pela empresa Era Arqueologia, permitiram delimitar e definir as áreas de inumações quer no interior quer no exterior da igreja.

Uma segunda frente de trabalhos, igualmente acordada com o IGESPAR, incidiu numa área que se considerava externa ao antigo edifício da ermida de São Francisco. Esta área já tinha sido alvo de uma sondagem durante a escavação de 2010, Sondagem n.º 1 (Pimenta e Mendes, 2011). Aí a escavação tinha permitido verificar uma estratigrafia heterogénea reveladora da existência de uma área de aterros de época contemporânea com escassos materiais cerâmicos de meados do século XV a XIX.

Perante este enquadramento, decidiu-se abrir uma vala de sondagem desde a Sondagem n.º 1 da intervenção arqueológica promovida pelo Museu Municipal em 2010 até à Sondagem da Empresa ERA Arqueologia, onde se identificou o limite da Igreja. O objetivo desta vala de sondagem, era o de aferir da existência de níveis, enterramentos ou estruturas nesta área (ver figura 8). Contudo o desenrolar da escavação levou à confirmação da leitura já efetuada em 2010.

Dado por terminados a primeira fase de trabalhos, que consistia na definição em área da planta da antiga ermida de São Francisco da Vila de Alhandra, e que tinha como objetivo subjacente compreender a extensão e estado de conservação dos contextos sepulcrais a ela associada, por uma questão técnica decidiu-se na altura alterar a metodologia de trabalhos, efetuando-se uma segunda reunião no dia 2 de Fevereiro de 2012, entre o IGESPAR

e a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

A planta encontrava-se na sua totalidade a descoberto, e resulta dessa análise a compreensão que a mesma se encontrava assaz destruída, subsistindo apenas os alicerces das suas paredes. A par do edifício da ermida definiram-se mais dois compartimentos quadrangulares adjacentes, que deveriam corresponder à sacristia, um espaço correlacionado com os serviços da Irmandade de São Francisco e uma área aberta que interpretamos, tendo em conta a documentação e cartografia histórica, como adro lateral da ermida (ver figura 13).

Seria na parte de entrada da ermida e neste espaço de adro lateral que se preservavam os contextos sepulcrais. Estes correspondiam a pelo menos oito inumações visíveis, encontrando-se estas algo revolvidas por interfaces de destruição já dos séculos XIX e XX.

Assim e tendo em presença a particularidade deste tipo de contextos, ajustou-se com o dono de obra e com o IGESPAR a alteração de metodologia, avançando-se com uma escavação em área da totalidade do espaço, onde se vislumbrava a presença destes contextos.

Por uma questão de coerência estratigráfica e espacial, a escavação, a partir deste momento, desenvolveu-se dentro dos ambientes arquitetónicos definidos pela escavação em área. Estes seriam assim numerados sequencialmente à medida da sua descoberta.

Figura 9
Levantamento topográfico de enquadramento da área intervencionada do Centro de Saúde de Alhandra, com localização das estruturas detetadas e a amarelo as duas áreas de necrópole.



Figura 10

Início dos trabalhos de limpeza da área de intervenção.

**Figura 11**

Decorrer dos trabalhos de limpeza da área de intervenção.

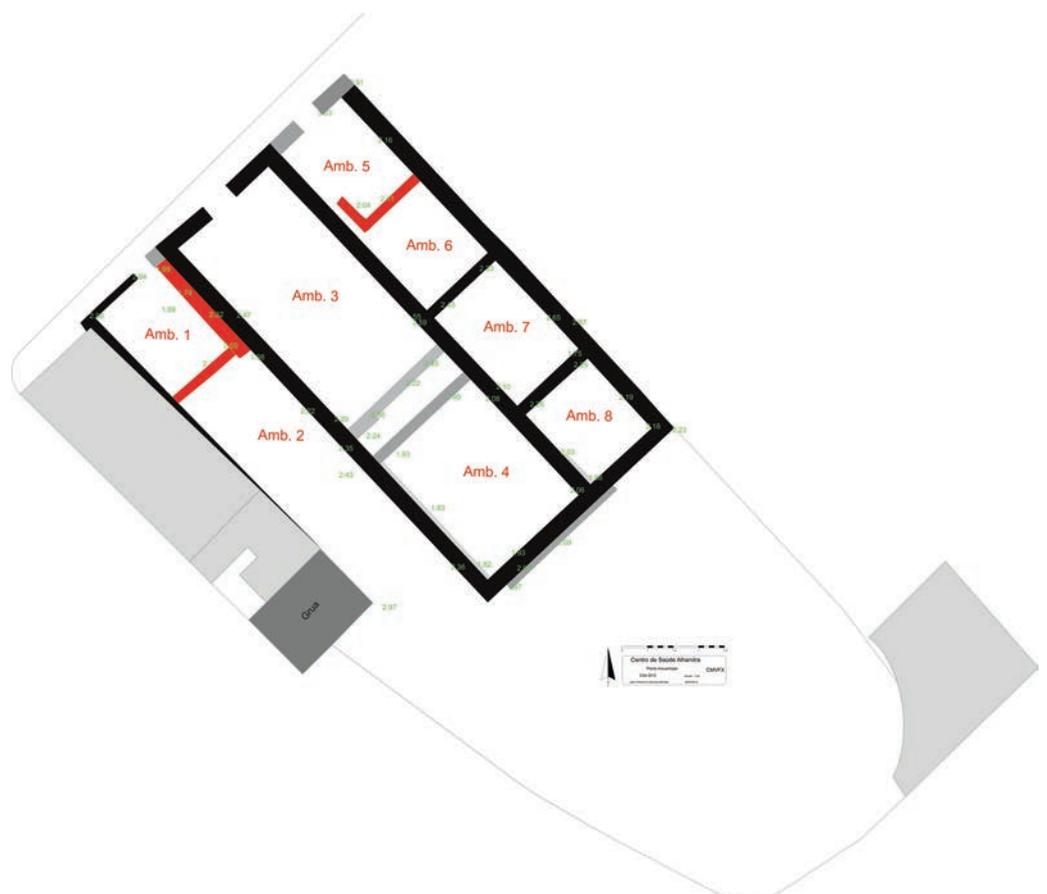


Figura 12

Primeira perspetiva da escavação em área das estruturas da antiga ermida.

**Figura 13**

Levantamento topográfico das estruturas detetadas com a identificação dos diversos ambientes.



6.1. Ambiente 1

Correspondia ao primeiro ambiente identificado, encontrando-se delimitado pelas paredes UE [30], [31], [75] e pela parede do edifício adjacente à escavação. Tratava-se de um compartimento de cariz habitacional de planta retangular, circunscrevendo uma área de 5,80 por 4,70 metros, ou seja cerca de 27 metros quadrados (ver figura 14).

Ainda que encostado à ermida de São Francisco, a análise da planta e da estratigrafia identificada permitem-nos afirmar categoricamente, estarmos perante um edifício de cariz habitacional. Aliás como iremos ver trata-se sem dúvida de uma pré-existência anterior à edificação deste espaço sagrado (ver figuras 15 a 19).

A escavação identificou igualmente que na sua última fase, este espaço tinha uma porta de comunicação com o ambiente 2, e possivelmente outra porta onde aliás existe a atual comunicando com a antiga Rua de São Francisco.

Removidos os níveis resultantes dos trabalhos de demolição do casario aqui existente, UE [19], [24], identificou-se um espesso nível essencialmente composto por cinzas e carvões UE [25]. Infortunadamente este era estéril em materiais arqueológicos.

A sua remoção revelou um pavimento bem preservado de terra batida que se estendia por todo o compartimento ambiente 1 UE [26]. A sua superfície evidenciava vestígios de fogo, tendo-se identificado um interface de abandono, UE [27], com algumas peças fragmentadas em conexão sobre a superfície do respetivo pavimento.

A sua análise permite atribuir uma cronologia bem definida a este abandono, centrada em inícios da segunda metade do século XVIII. Estará este abandono correlacionado com o cataclismo de 1755 e com os danos por ele causados atestados nas memórias paroquiais?

Levantando-se parcialmente este pavimento, numa área de sondagem, identificou-se uma camada arenoargilosa de tom castanho-avermelhado, grão fino medianamente compacta, UE [28]. Esta era composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão, argamassa branca, fragmentos de telhas de canudo vermelho, cerâmica comum e faiança portuguesa.

Sob esta unidade deparamo-nos com um sedimento argiloso de tom castanho, grão fino, compacto, UE [29]. Composto por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão dispersos. Fragmentos de telhas de canudo vermelho e amarelas, cerâmica comum quinhentista e ossos. Esta unidade cobria diretamente o nível de base geológico UE [32].

A análise do material cerâmico aqui exumado, permite atribuir-lhe uma cronologia mais recuada, a presença de cerâmica comum e vidrada de tom melado com bons paralelos em contextos quinhentistas de Lisboa e Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2007), leva-nos a atribuir uma datação de meados do século XVI.

As correlações estratigráficas permitem-nos verificar a existência de duas fases de ocupação neste ambiente 1. De facto, a unidade, UE [29], apenas está relacionada com a parede, UE [30], junto à parede, UE [31], registou-se uma vala de fundação que corta as UE [28] e [29].

Sendo assim, temos uma fase do século XVI associada à parede UE [30], sendo posteriormente este espaço remodelado e adoçado ao mesmo uma parede em ângulo reto UE [31].

A análise das correlações estratigráficas na área do ambiente 3 permitiram igualmente observar, que a construção da parede, UE [87] e o seu alicerce UE [72], que delimita a sul o edifício da ermida de São Francisco encostam à estrutura UE [30], sendo assim esta claramente anterior e uma preexistência neste espaço.

Figura 14
Pormenor da planta do ambiente 1.



Figura 15
Perfil sul do corte efetuado no ambiente 1.

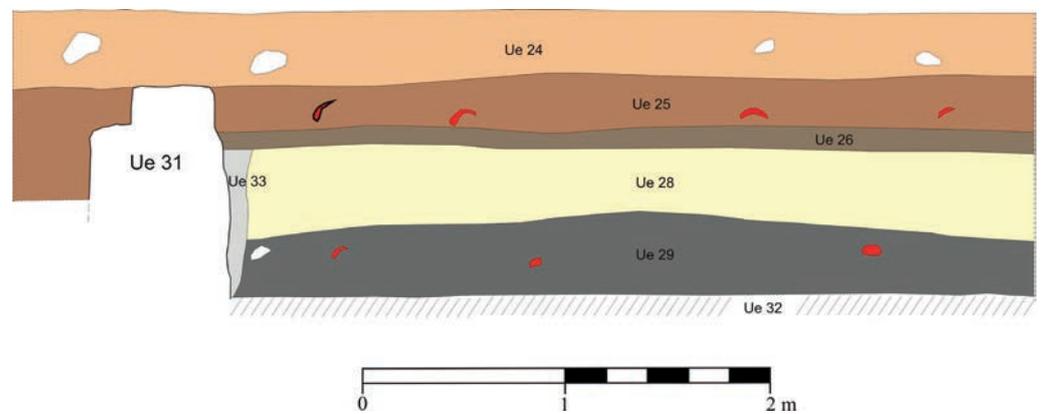


Figura 16

Primeira perspetiva da escavação em área das estruturas da antiga ermida. Observe-se à esquerda na imagem a ligação da parede com o alçado da fachada.

**Figura 17**

Ambiente 1 início da sondagem estratigráfica junto à parede UE [30].



Figura 18
Ambiente 1 fim
da sondagem
estratigrafia junto à
parede UE [30].



Figura 19
Pormenor alçado da
parede UE [30].



6.1.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Corresponhia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. Estendia-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [24] Camada arenosa de tom castanho amarelado, grão fino medianamente solta. Nível remexido onde surgem materiais do século XVIII a par de outros do século XXI. Coberto pela UE [19]. Cobre a UE [25].

UE [25] Camada essencialmente composta por cinzas e carvões. Nível espesso com cerca de 30 cm de altura. Estéril em materiais arqueológicos. Coberto pela UE [24]. Cobre a UE [26].

UE [26] – Pavimento de terra batida do compartimento quadrangular ambiente 1. A sua superfície evidenciava vestígios de fogo. Coberto pela UE [27]. Cobre a UE [28].

UE [27] – Interface sobre o pavimento UE [26]. Recolheram-se alguns materiais fragmentados *in situ*. Presença de materiais em cerâmica comum, faiança com decoração a azul e branco. Coberto pela UE [25]. Cobre a UE [26].

UE [28] – Camada arenoargilosa de tom castanho-avermelhado, grão fino medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão e argamassa branca. Fragmentos de telhas de canudo vermelho, cerâmica comum e faiança portuguesa. Coberto pela UE [26]. Cobre a UE [29].

UE [29] – Camada argilosa de tom castanho, grão fino, compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de carvão dispersos. Fragmentos de telhas de canudo vermelho e amarelas, cerâmica comum quinhentista e ossos. Encostava à estrutura pétreua UE [30]. Coberto pela UE [28]. Cobre o nível de base geológico UE [32].

UE [30] – Estrutura pétreua composta por blocos calcários de pequena e média dimensão com ligante de argamassa branca. A sua face interna evidenciava estuque até ao nível do pavimento UE [26], com o qual confinava.

Esta estrutura tem dois níveis de ocupação. Um mais antigo quinhentista associado à UE [29]. E outro mais recente associado ao compartimento setecentista definido pelo pavimento UE [26] e ao seu abandono UE [27].

Esta estrutura parece ser anterior aos muros da ermida de São Francisco. Essas estruturas cortam e encostam a esta. Coberto pela UE [24]. Assenta sobre o nível de base geológico UE [32].

UE [31] – Estrutura pétreua composta por blocos calcários de pequena e média dimensão. O ligante é argamassa amarela e aproveita como interstício telhas vermelhas de canudo. No topo da estrutura preserva uma soleira de porta em calcário. Esta aparenta encontrar-se *in situ*, preservando a zona dos dois gonzos laterais. Esta estrutura cobre e corta a UE [29].

UE [32] – Nível de base geológico constituído por saibro argiloso de tom verde muito compacto. Trata-se igualmente já do nível freático. Coberto pela UE [29].

UE [33] – Interface da vala da estrutura UE [31]. Preenchida pela própria estrutura UE [31]. Cobre e corta a UE [29]. Coberta pela UE [29].

6.2. Ambiente 2

Tratava-se de um vasto espaço retangular com uma área de 19,60 por 4,70 metros de largura, ou seja cerca de 92 metros quadrados. Este vasto espaço encontrava-se muito afetado pela construção da laje em betão onde se viria a fixar a grua destinada aos trabalhos do projeto de engenharia do Centro de Saúde, assim como pela existência de canalizações e esgotos dos antigos edifícios aqui existentes e cujas infraestruturas passavam precisamente por esta área (figura 13 e 16).

Face a estas contingências não se investiria muito na escavação desta área tendo-se apenas descido até à cota de afetação da obra, não se tendo identificado níveis arqueológicos.

6.2.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área e apesar efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Corresponde ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. Estende-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [24] – Camada arenosa de tom castanho amarelado, grão fino medianamente solta. Nível remexido, surgem materiais do século XVIII a par de outros do século XXI. Coberto pela UE [19]. Cobre a UE [25].

UE [34] – Nível revolvido e destruído pelos trabalhos decorrentes da obra. Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino medianamente compacta. Composto por pedras de pequeno calibre, telhas, cerâmica comum, fragmentos de telha Marselha e cimento. Não se escavou na totalidade este nível. Coberta pela UE [24].

6.3. Ambiente 3

Este ambiente correspondia a um amplo compartimento que se articulava diretamente com a fachada da ermida de São Francisco arrancando as suas paredes laterais desde os imponentes cunhais ainda preservados na fachada.

Trata-se do corpo da ermida, encontrando-se delimitado pela fachada do edifício e pelas paredes UE [36], [37] e [58], circunscrevendo uma área de 13,80 por 7,10 metros, ou seja cerca de 98 metros quadrados (ver figuras 14 a 29).

As estruturas UE [58], juntamente com a UE [55], correspondem, a nosso ver, a infraestruturas correlacionadas com um antigo arco que separaria o corpo da ermida da área do altar-mor (ambiente 4).

Face a esta leitura distinta, que como iremos ver é confirmada pela sequência estratigráfica, optámos por separar dentro do espaço da ermida os dois ambientes, mantendo aqui essa distinção.

Apesar de na área da fachada ainda se preservar a soleira de entrada original do espaço religioso, ao iniciarmos os trabalhos de limpeza em área, verificamos que no interior da Igreja, as profundas alterações e reutilizações que este espaço sofreu afetaram profundamente os níveis arqueológicos. Assim ao contrário do que seria espetável, face ao auspicioso começo de termos a entrada preservada, em todo o espaço da ermida apenas foi possível identificar cerca de um metro quadrado de pavimento original.

Realmente, apenas do lado esquerdo da fachada foi possível identificar após a remoção dos níveis de revolvimento, UE [19] e [20] vestígios de um pavimento de tijoleira, UE

[22]. Tratava-se de um pavimento de tijoleiras retangulares de tom encarnado, podendo corresponder ao antigo pavimento da Igreja. Igualmente apenas identificado nesta área detetou-se sob este nível uma preparação para assentamento do pavimento em argamassa de tom branco, UE [23].

Na restante área identificou-se após a limpeza um nível homogêneo de sedimento arenoargiloso de tom castanho-escuro, grão fino medianamente compacta, UE [23]. Composto por pedras de pequeno médio calibre, nódulos de carvão e argamassa branca, esta unidade estendia-se a toda a área do ambiente 3.

Desde um primeiro momento verificou-se que neste nível encontravam-se abertas uma série de valas de planta aproximadamente quadrangular. No seu enchimento verificava-se a omnipresença de restos osteológicos. Tratava-se evidentemente de valas de sepulturas, correspondendo à necrópole da ermida (ver figura 21).

Face a esta ocorrência efetuou-se uma limpeza criteriosa do espaço para detetar as referidas valas e procedeu-se à escavação em área da necrópole. Por questões metodológicas e de segurança, decidiu-se, escavar um máximo de duas sepulturas, procedendo ao seu registo e remoção (ver figura 31 e 32).

Não nos vamos aqui deter na análise da necrópole, uma vez que esta será alvo de estudo exaustivo que se apresenta mais à frente, contudo importa deixar apenas alguns apontamentos:

- A escavação da ermida apenas revelou espaço de necrópole no ambiente 3 e no ambiente 6.
- No ambiente 3 detetaram-se 16 valas de sepulturas.
- Nestas 16 valas de sepultura identificaram-se deste modo 28 indivíduos e 3 ossários.
- A nível da cronologia os dados resultantes da escavação e exumação das sepulturas não foram particularmente abundantes. De facto, as inumações apenas revelaram (como era expectável) como espólio pregos em ferro dos caixões, alguns alfinetes de bronze e alguns casos botões em osso.
- A cronologia é assim aferida indiretamente quer pelas correlações estratigráficas quer pela documentação histórica.

A nível da estratigrafia, a camada onde as valas de sepultura foram abertas, UE [21], apresenta uma cronologia bem definida pelas associações de material cerâmico e pela presença de diversos fragmentos de cachimbos de caulino de produção Inglesa e Holandesa de meados da primeira metade do século XVIII, ver artigo específico sobre estes materiais no presente volume.

Paralelamente a documentação disponível remete para 1721 a fundação da irmandade de São Francisco e possivelmente a construção do templo. Parece assim que ambos os dados são coerentes para se aferir uma cronologia do início de utilização deste espaço como necrópole.

A documentação fornece igualmente uma cronologia para o abandono da utilização deste espaço sacro. Nas memórias Paroquiais (1758-1759), afirma-se que o espaço se encontra arruinado pelo cataclismo de 1755, que afetou profundamente esta vila Ribatejana.

Temos assim uma utilização provável deste espaço de necrópole entre 1721 e 1755, ou seja cerca de 34 anos.

Para se tentar obter uma leitura vertical da estratigrafia e no fundo aferir da existência ou não de ocupações pretéritas como as já vislumbradas no ambiente 1, decidiu-se prolongar uma das sondagens, com o intuito de obter um corte no interior do ambiente 3. Esta

leitura resultou particularmente interessante (ver figura 22 e figura 27 a 29).

Removida a unidade que consideramos de aterro da área e que está diretamente correlacionada com a construção da Igreja, UE [21], deparámo-nos com uma unidade que interpretamos como nível de obra, possivelmente correspondendo a um momento de demolição das estruturas pré-existentes para a edificação da Igreja, UE [74].

Esta camada caracterizava-se por um sedimento arenoargiloso de tom amarelo ou castanho amarelado, grão médio fino medianamente solto. Composto por pedras de pequeno médio calibre. Nódulos de argamassa branca e amarela, telhas de canudo e alguma escassa cerâmica comum, faiança e fragmentos de estuque de tom branco.

Esta unidade assentava sobre um nível essencialmente composto por argamassa branca, UE [132], e que se estendia a toda a sondagem. Este nível cobria diversas realidades correspondendo na nossa interpretação a uma ocupação anterior do espaço cortada literalmente pela edificação da ermida como se vê pela parede estrutural UE [36], e seu alicerce UE [41], que cortam a estrutura UE [135].

Esta ocupação parece face às evidências detetadas corresponder a uma utilização de cariz doméstico similar ao já revelado pelo ambiente 1.

Na área sondada identificou-se a evidência negativa correspondendo a vala de roubo de muro, UE [137] da existência de uma parede com orientação similar à UE [30] e que divide dois distintos compartimentos (figura 28).

No compartimento a norte identificou-se uma estrutura composta por blocos calcários não aparelhados e de cariz algo fruste, UE [135]. Esta estrutura de funcionalidade pouco clara, mas que podia a nosso ver e perante a presença de diversos fragmentos de mós, estar correlacionada com uma estrutura de moagem estilo atafona, assenta sobre a unidade UE [134], (figura 29). A escavação parcial deste nível permite aferir uma cronologia de meados do século XVII para estas evidências.

Por uma questão de cronograma e visto estarmos abaixo da cota de afetação da obra não se desceu mais a sondagem.

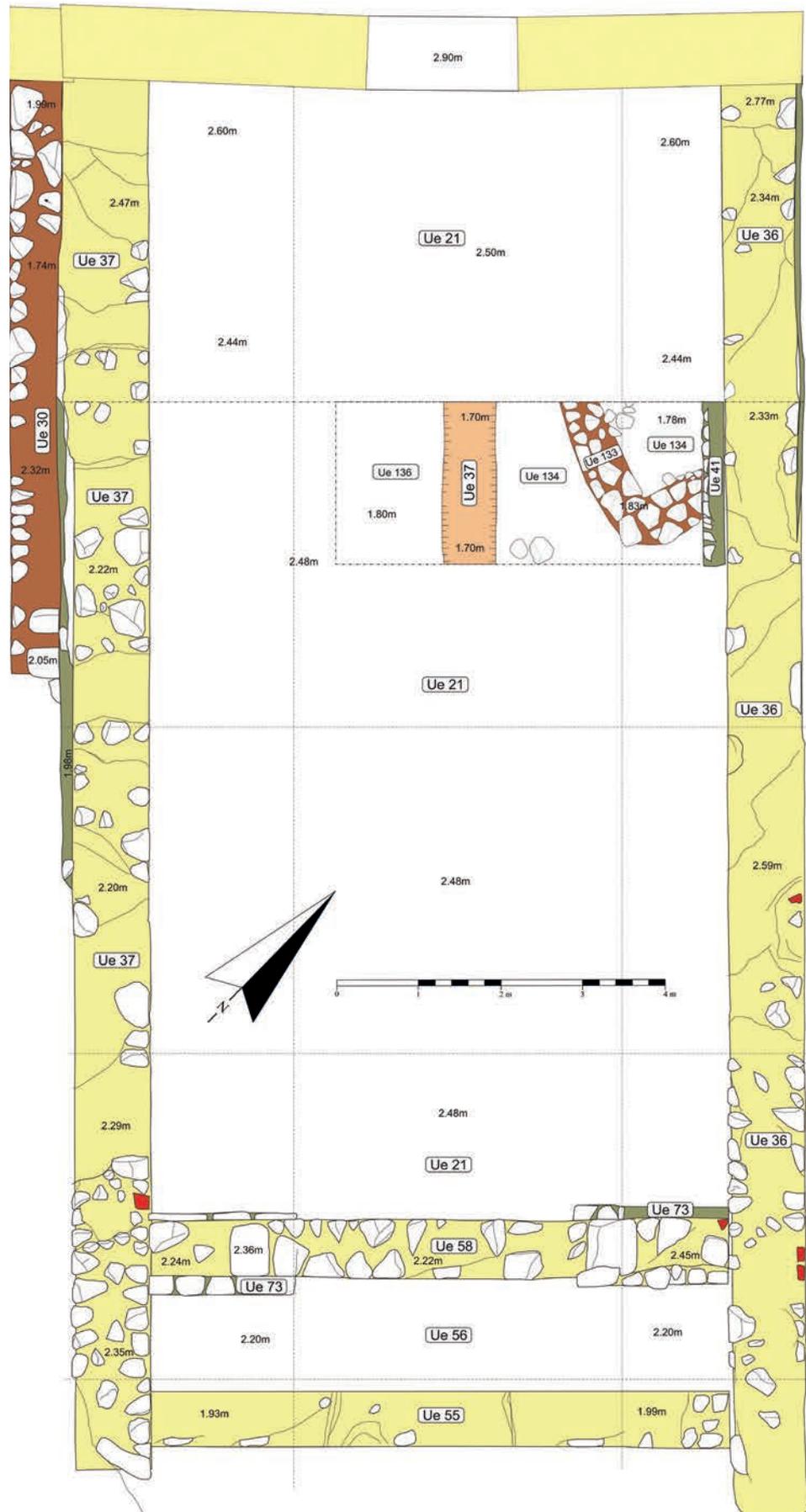


Figura 20
Pormenor da planta
do ambiente 3.



Figura 23
Planta geral da
escavação com
localização das valas
de sepulturas.

Figura 24
Pormenor geral do ambiente 3 no início dos trabalhos de escavação (centro).



Figura 25
Pormenor do trabalho de escavação da área necrópole.



Figura 26

Vista geral do ambiente 3. Já com a demarcação de segurança da área de necrópole.

**Figura 27**

Pormenor da vala de roubo de muro UE [137], na área de sondagem estratigráfica do ambiente 3.



Figura 28
Pormenor da área
de sondagem
estratigráfica do
ambiente 3.



Figura 29
Pormenor da
estrutura UE [133], na
área de sondagem
estratigráfica do
ambiente 3.



Figura 30
Esqueleto n.º 10
UE [96].



Figura 31
Esqueletos n.º 23 e 24.



Figura 32

Decorrer dos trabalhos de escavação em área da necrópole de São Francisco de Alhandra.



6.3.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Corresponhia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. Estendia-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [20] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino medianamente solta. Composta por telhas, plásticos, fios elétricos e cerâmica comum. Nível de revolvimento recente ambiente 3. Cobre a UE [21].

UE [21] – Camada arenoargilosa de tom castanho-escuro, grão fino medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno médio calibre, nódulos de carvão e argamassa branca. O espólio é escasso constituído por cerâmica comum, faianças com decoração a azul e branco e alguns fragmentos de cachimbo de caulino. Esta unidade estendia-se a toda a área do ambiente 3.

UE [22] – Pavimento de tijoleiras retangulares de tom encarnado. Possível pavimento da Igreja. Coberto pela UE [20]. Cobre a UE [23].

UE [23] – Nível de argamassa branca. Assentamento do pavimento de Tijoleira UE [22]. Cobre a UE [35] – Estrutura pétreo composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa branca. Esta parede corresponde à fachada da antiga Ermida de São Francisco. No início da obra ainda se preservava a antiga porta e respetivos cunhais da igreja. Articula-se com os muros laterais já muito destruídos da ermida UE [36] e UE [37].

UE [36] – Estrutura pétreo composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa branca. Esta parede correspondia à parede lateral da

antiga Ermida de São Francisco. Coberta pela UE [19]. Assenta sobre a UE [41].

UE [37] – Estrutura pétreia composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa branca. Esta parede correspondia à parede lateral da antiga Ermida de São Francisco. Coberta pela UE [19].

UE [38] – Interface de vala de sepultura n.º 2. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [20]. Preenchida pela UE [39].

UE [39] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 2. Cobre a UE [40].

UE [40] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 2. Enchimento vala de sepultura UE [38].

UE [41] – Alicerce da estrutura UE [36]. Estrutura pétreia composta por blocos calcários de pequena e média dimensão com ligante de argamassa branca. Coberta pela UE [21] e pela UE [36].

UE [65] – Interface de vala de sepultura n.º 5. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [66].

UE [66] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 5. Cobre a UE [67].

UE [67] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 5. Enchimento vala de sepultura UE [65].

UE [74] – Nível de obra possivelmente correspondendo a um momento de demolição das estruturas pré-existentes para a edificação da Igreja. Camada arenoargilosa de tom amarelo ou castanho amarelado, grão médio fino medianamente solto. Composto por pedras de pequeno médio calibre. Nódulos de argamassa branca e amarela, telhas de canudo e alguma escassa cerâmica comum e faiança. Surgem ainda grandes fragmentos de estuque de tom branco. Coberta pela UE [21].

UE [76] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 6. Coberto pela UE [67]. Enchimento vala de sepultura UE [65].

UE [83] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 7. Cortada pela UE [67]. Enchimento vala de sepultura UE [65].

UE [84] – Interface de vala de sepultura n.º 10. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [85].

UE [85] – Interface de vala de sepultura n.º 11. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [86].

UE [86] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 11. Contem diversos ossos que deverão pertencer a outro indivíduo. Cobre a UE [86].

UE [87] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 11. Enchimento vala de sepultura UE [85].

UE [88] – Interface de vala de sepultura n.º 12. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [89].

UE [89] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 12. Cobre a UE [90].

UE [90] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 12. Enchimento vala de sepultura UE [88].

UE [91] – Interface de vala de sepultura n.º 13. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [92].

UE [92] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 13. Cobre a UE [93].

UE [93] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 13. Enchimento vala de sepultura UE [91].

UE [94] – Interface de vala de sepultura n.º 15. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [97].

- UE [95]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 10. Cobre a UE [96].
- UE [96]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 10. Enchimento vala de sepultura UE [84].
- UE [97]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente solta. Enchimento vala de sepultura n.º 15. Composta por grande quantidade de ossos sem articulação. Ossário. Cobre a UE [99].
- UE [98]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 14. Sob a inumação N.º 11. Enchimento vala de sepultura UE [85].
- UE [99]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 15. Detetado sob o ossário UE [97]. Enchimento vala de sepultura UE [94].
- UE [100]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 16. Sob a inumação N.º 12. Enchimento vala de sepultura UE [88].
- UE [101]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 17. Sob a inumação N.º 13. Enchimento vala de sepultura UE [88].
- UE [102]** – Interface de vala de sepultura n.º 18. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [103].
- UE [103]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 18. Cobre a UE [104].
- UE [104]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 18. Enchimento vala de sepultura UE [102].
- UE [105]** – Interface de vala de sepultura n.º 19. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [106].
- UE [106]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Composta por grande quantidade de ossos sem articulação. Ossário. Enchimento vala de sepultura n.º 19. Cobre a UE [107] e a UE [108].
- UE [107]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 19. Enchimento vala de sepultura UE [105].
- UE [108]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 20. Enchimento vala de sepultura UE [105]. Cobre a sepultura n.º 19, UE [108].
- UE [109]** – Interface de vala de sepultura n.º 21. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [110].
- UE [110]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura n.º 21. Cobre a UE [111].
- UE [111]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 21. Enchimento vala de sepultura UE [109].
- UE [112]** – Vértabras em conexão. Surgem sob o esqueleto n.º 14 - UE [98].
- UE [114]** – Unidade atribuída a ossos em conexão correspondendo a uma perna. Esqueleto n.º 22. Surge sob o esqueleto n.º 15 - UE [99].
- UE [115]** – Interface de vala de sepultura n.º 23. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [116].
- UE [116]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura UE [115]. Cobre a UE [117].
- UE [117]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 23. Enchimento vala de sepultura UE [115].
- UE [118]** – Interface de vala de sepultura n.º 24. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [119].
- UE [119]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura UE [118]. Cobre a UE [120].
- UE [120]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 24. Enchimento vala de sepultura UE [118].
- UE [121]** – Interface de vala de sepultura n.º 25. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [122].

UE [122] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura UE [121]. Cobre a UE [123].

UE [123] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 25. Enchimento vala de sepultura UE [118]. Cobre o esqueleto n.º 27 - UE [131].

UE [124] – Interface de vala de sepultura n.º 26. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [125] e UE [126].

UE [125] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura UE [121]. Cobre a UE [126] e a UE [127].

UE [126] – Nível de cal. Cobre diretamente o esqueleto n.º 26 - UE [127].

UE [127] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 26. Enchimento vala de sepultura UE [124].

UE [128] – Interface de vala de sepultura n.º 28. Escavada no sedimento UE [21]. Coberta pela UE [19]. Preenchida pela UE [129].

UE [129] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Enchimento vala de sepultura UE [128]. Cobre a UE [130].

UE [130] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 28. Enchimento vala de sepultura UE [128].

UE [131] – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 27. Surge sob o esqueleto n.º 25 - UE [123].

UE [132] – Nível essencialmente composto por argamassa branca. Coberta pela UE [74]. Cobre a UE [133], [136] e [138].

UE [133] – Nível de argila vermelha, Pavimento? Coberta pela UE [132]. Cobre a UE [134]. Cortada pela UE [137].

UE [134] – Camada arenosa de tom castanho, grão fino, medianamente compacta. Composta por carvões e cinzas e parca em espólio. Coberta pela UE [133]. Encosta e é coberta pela estrutura UE [135].

UE [135] – Estrutura composta por blocos calcários toscamente aparelhados e sem ligante de argamassa. Coberta pela UE [132]. Cobre a UE [134].

UE [136] – Camada arenoargilosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta. Encosta à estrutura roubada pela UE [137]. Coberta pela UE [132].

UE [137] – Vala de roubo de muro. Preenchida pela UE [138].

UE [138] – Camada arenoargilosa de tom castanho amarelado, grão médio fino, medianamente compacta. Preenchimento da vala de roubo de muro UE [137]. Coberta pela UE [132].

6.4. Ambiente 4

Estávamos perante um amplo espaço que se articulava diretamente com o ambiente 3. Trata-se da área da capela-mor da Igreja, encontrando-se delimitado pelas paredes UE [36], [37], [58] e [71], circunscrevendo uma área de 10,40 por 7,10 metros, ou seja cerca de 74 metros quadrados (ver figura 13 e 33 a 35).

As estruturas UE [58], juntamente com a UE [55], que separam em planta este ambiente do n.º 3 correspondem, a nosso ver, a infraestruturas correlacionadas com um arco que separaria o corpo da ermida da área do altar-mor (figura 36).

A escavação deste ambiente 4, veio confirmar a nossa opção pela sua separação do ambiente 3 a nível de leitura e registo.

Nesta área, após a remoção dos níveis resultantes das demolições e revolvimentos recentes, UE [19], detetou-se uma unidade de sedimento arenoargilosa de tom castanho-escuro, grão fino medianamente compacta, composta por pedras de pequeno médio calibre, nódulos de carvão e argamassa branca. O espólio é na realidade escasso, consti-

tuído por cerâmica comum, faianças com decoração a azul e branco e alguns fragmentos de cachimbo de caulino, UE [56] e [57].

Esta unidade estende-se a toda a área do ambiente 4 e é muito idêntica à UE [21], identificada no ambiente 3. A presença desta unidade tão homogênea e de cronologia bem centrada na primeira metade do século XVIII remete-nos outra vez, para estarmos perante um aterro correlacionado com a construção deste espaço de cariz religioso.

Face ao já observado no ambiente 3, ficamos alerta para a presença de valas de sepultura e enterramentos neste nível. Contudo apesar da sua cuidada escavação, não foi possível identificar quaisquer restos osteológicos.



Figura 33
Pormenor da planta
do ambiente 4.

Figura 34
Vista geral do ambiente 4.



Figura 35
Vista geral do ambiente 4, 7 e 8.



Figura 36
Pormenor das
estruturas entre o
ambiente 3 e 4.



6.4.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Corresponde ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. Estende-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [55] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa branca. Esta parede está correlacionada com o arco do Altar-mor da ermida de São Francisco. Estrutura similar às UE [36] e [37]. Coberta pela UE [19].

UE [56] – Nível similar à UE [21] ainda que separado fisicamente desta pela UE [58]. Parece tratar-se de uma preparação do terreno para a edificação da Igreja. Coberta pela UE [19].

UE [57] – Nível similar à UE [56] ainda que separado fisicamente desta pela UE [36] e respetivo alicerce UE [41]. Coberta pela UE [19].

UE [58] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários de média e grande dimensão com ligante de argamassa amarela. Esta parede poderá estar correlacionada com o arco do Altar-mor da ermida de São Francisco. Coberta pela UE [19]. Assenta sobre a UE [57].

6.5. Ambiente 5

Ao iniciarmos aqui os trabalhos de limpeza, era claro que o canto noroeste da área a intervir se encontrava muito revolvido. Essas perturbações impediam desde logo a percepção da área de circulação ou do tipo de pavimento aqui existente à época da existência da ermida de São Francisco.

De facto, apenas dispomos de dados sobre as ocupações anteriores à utilização sacra deste espaço. Como iremos ver embora tenhamos distinguido o ambiente 5 do 6, a análise ulterior da estratigrafia leva-nos a pensar que estes constituiriam uma unidade (figura 37 a 41).

Estamos perante um compartimento que se articulava diretamente com a antiga Rua de São Francisco, a própria análise da parede de fachada leva-nos a concluir que a sua edificação, será já de finais do século XIX ou mesmo inícios do Século XX.

Estariamos assim, perante uma área aberta possivelmente uma rua ou melhor um beco, visto que o mesmo seria delimitado fisicamente pela parede UE [52].

O ambiente 5 equivale a um compartimento retangular, aberto de um dos lados e constituído pelas paredes UE [36], [45] e [47], circunscrevendo uma área de 6 por 5 metros, ou seja 30 metros quadrados (ver figura 37).

Removidos os níveis de revolvimento, UE [19], surgiu uma camada arenosa de tom castanho acinzentado, composta por nódulos de carvão, nódulos de argamassas brancas e ossos. Tratava-se de um nível de lixeira rico em material cerâmico dos séculos XVII e inícios do século XVIII, UE [42].

Este nível é particularmente importante para conferir uma datação ao edifício da Igreja, visto que se detetou uma unidade, UE [46], correlacionada com a construção de uma das paredes-mestras deste edifício, UE [36], que corta claramente esta UE (ver figuras 13 e 37).

Sob a, UE [42], identificou-se uma série de estruturas, UE [44] e [45], associadas a um pavimento de argila vermelha, UE [43], que parecem estar correlacionadas com um edifício de cariz habitacional aqui existente e que é destruído para a construção deste novo desenho urbano (ver figura 13). De facto as imponentes estruturas, UE [36] e [47], assentam e cortam estas realidades pretéritas (figura 38).

A realização de uma sondagem estratigráfica em parte deste ambiente encostada às estruturas UE [44] e [45], permitiu ver que sob o pavimento de argila vermelha, UE [43], existia uma fase de ocupação de meados do século XVII.

Identificou-se associada a ambas as paredes a unidade UE [51], rica em material cerâmico que permite atribuir uma cronologia bem definida a esta ocupação. Esta verdadeira lixeira assentava sob um pavimento de argila amarela compactada UE [113]. Esta ocupação assentava diretamente sob o substrato geológico UE [61].

Figura 37
Pormenor da planta do ambiente 5.

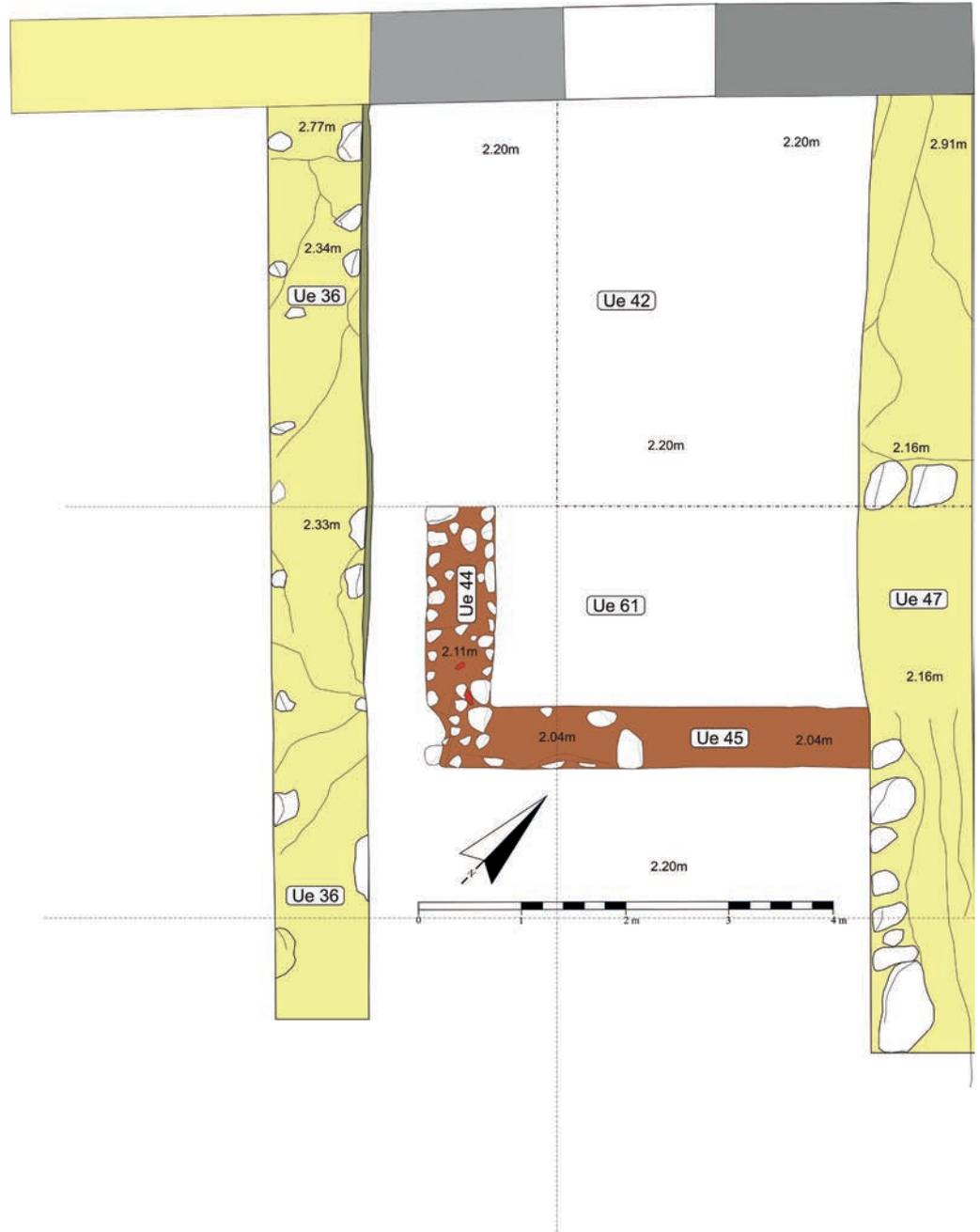


Figura 38
Perfil oeste da sondagem estratigráfica do ambiente 5.

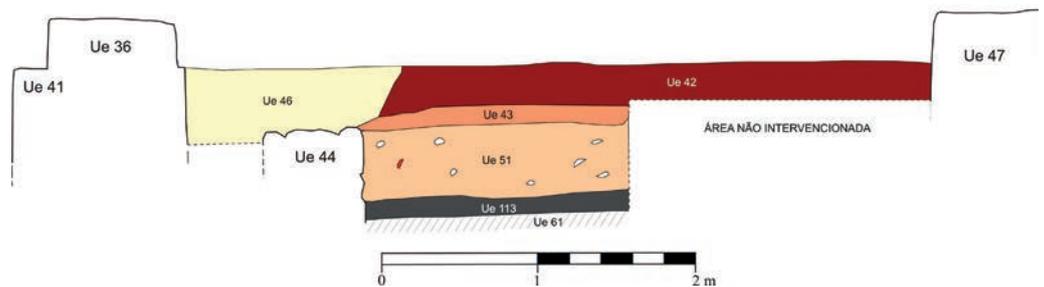


Figura 39
Pormenor dos trabalhos de limpeza e escavação dos ambientes 5 e 6.



Figura 40
Vista geral das estruturas pré-existentes detetadas no ambiente 5.



Figura 41

Vista geral das estruturas pré-existentes detetadas no ambiente 5 no final dos trabalhos.



6.5.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Correspon-
dia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde
de Alhandra. Estendia-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [42] – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Composta por nódulos de carvão, raízes, nódulos de argamassas brancas e ossos.
Nível de lixeira rico em material cerâmico dos séculos XVII e XVIII. Coberta pela UE
[19]. Cobre a UE [43].

UE [43] – Nível de argila vermelha, grão fino compacta. Pavimento. Coberta pela UE
[42]. Encosta às estruturas UE [44] e [45]. Cobre a UE [51].

UE [44] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários não aparelhados de pequena e
média dimensão com ligante de argamassa branca. Similar à estrutura UE [30]. Encosta à
UE [45]. Coberta pela UE [42].

UE [45] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários não aparelhados de pequena e
média dimensão com ligante de argamassa branca. Similar à estrutura UE [30]. Encosta à
UE [44]. Coberta pela UE [42].

UE [46] – Nível de argila amarela, grão fino, medianamente compacta. Composta por
pedras de pequeno calibre e telhas de canudo vermelhas e amarelas. Encosta e corta a UE
[44]. Cortada pela UE [36] e [41].

UE [47] – Estrutura pétrea de grandes dimensões composta por blocos calcários de
pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa amarela. Esta parede deve
corresponder a um muro limite da estrutura lateral da antiga Ermida de São Francisco.

Coberta pela UE [19].

UE [51] – Camada arenosa de tom castanho-escuro, grão fino, medianamente compacta. Composta por abundantes nódulos de carvão e cinzas, ossos e conchas. Nível de lixeira rico em material cerâmico dos séculos XVII, associado a um compartimento anterior à ermida constituído pelas estruturas UE [44] e [45].

UE [113] – Unidade essencialmente composta por argila de tom amarela compactada assentando sob uma base de telhas vermelhas. Surge sob a unidade UE [51]. Cobre o nível geológico UE [61]. Encosta às estruturas UE [44] e UE [45].

6.6. Ambiente 6

Como referimos acima estávamos perante um compartimento que se articulava diretamente com o ambiente 5 e com a antiga Rua de São Francisco. Trata-se de uma área de circulação, encontrando-se delimitado pelas paredes UE [36], [45], [47] e [52], circunscrevendo uma área de 5,80 por 5 metros, ou seja 29 metros quadrados (ver figuras 13 e 42 a 44).

Tal como no ambiente 5, removidos os níveis de afetação, UE [19], surgiu uma camada arenosa de tom castanho acinzentado, composta por nódulos de carvão, nódulos de argamassas brancas e ossos. Tratava-se de um nível de lixeira rico em material cerâmico dos séculos XVII e inícios do século XVIII, UE [42].

Ao limparmos esta unidade verificou-se que neste nível se encontravam escavadas diversas interfaces de valas de sepultura. Este dado vem corroborar a hipótese de podermos estar perante uma área de circulação possivelmente de acesso a uma porta lateral da igreja. Assim faria sentido a existência de uma área de necrópole nesta área.

Não nos vamos aqui deter novamente na análise da necrópole. Contudo importa deixar apenas alguns apontamentos:

- A escavação da ermida apenas revelou espaço de necrópole no ambiente 3 e no ambiente 6.
- No ambiente 6 detetaram-se 4 valas de sepulturas.
- Nestas 4 valas de sepultura identificaram-se 4 indivíduos e nenhum ossário.
- A nível da cronologia os dados resultantes da escavação e exumação das sepulturas não foram particularmente abundantes. De facto, as inumações apenas revelaram como espólio pregos em ferro dos caixões, alguns alfinetes de bronze e nalguns casos botões em osso.

A nível da estratigrafia, a camada onde as valas de sepultura foram abertas, UE [42], apresenta uma cronologia bem definida pelas associações de material cerâmico e pela presença de diversos fragmentos faiança de meados da primeira metade do século XVIII.

Uma vez escavadas as sepulturas não se desceu mais nesta área, visto já ter sido atingido a cota de afetação da obra.

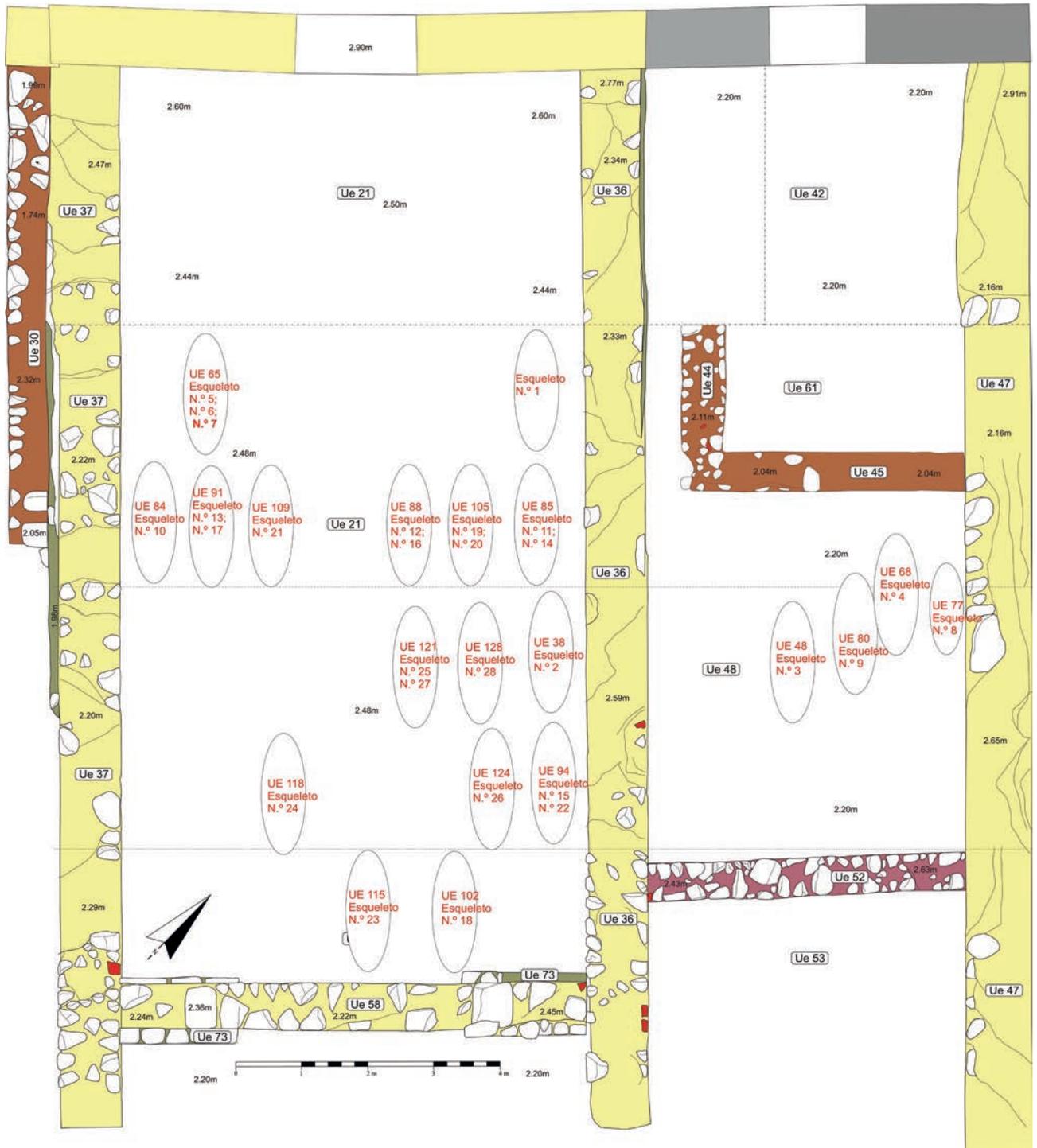


Figura 42
 Pormenor da planta do ambiente 6 com a localização das sepulturas escavadas.

Figura 43

Vista geral do decorrer dos trabalhos no ambiente 6 (canto superior direito).

**Figura 44**

Vista geral dos ambientes 6, 7 e 8 durante a fase de trabalhos de escavação.



6.6.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

- UE [19]** – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Correspon-
dia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde
de Alhandra. Estendia-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].
- UE [42]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Composta por nódulos de carvão, raízes, nódulos de argamassas brancas e ossos.
Nível de lixeira rico em material cerâmico dos séculos XVII e XVIII. Coberta pela UE
[19]. Cobre a UE [43].
- UE [48]** – Interface de vala de sepultura n.º 3. Escavada no sedimento UE [42]. Coberta
pela UE [19]. Preenchida pela UE [49]. Corta a UE [42].
- UE [49]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Enchimento vala de sepultura n.º 3. Cobre a UE [50].
- UE [50]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 3. Enchimento vala de sepultura UE [48].
- UE [52]** – Estrutura pétrea de grandes dimensões composta por blocos calcários de
pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa de tom castanho averme-
lhado. Coberta pela UE [19].
- UE [53]** – Camada areoargilosa de tom castanho-claro, grão fino, medianamente com-
pacta. Composta por carvões e nódulos de argamassa branca e amarela. O espólio é
escasso constituído por cerâmica comum setecentista e algumas faianças. Coberta pela
UE [19]. Cobre a UE [54].
- UE [68]** – Interface de vala de sepultura n.º 4. Escavada no sedimento UE [42]. Coberta
pela UE [19]. Preenchida pela UE [69]. Corta a UE [42].
- UE [69]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Enchimento vala de sepultura n.º 4. Cobre a UE [70].
- UE [70]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 4. Enchimento vala de sepultura UE [68].
- UE [77]** – Interface de vala de sepultura n.º 8. Escavada no sedimento UE [42]. Coberta
pela UE [19]. Preenchida pela UE [78]. Corta a UE [42].
- UE [78]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Enchimento vala de sepultura n.º 8. Cobre a UE [79].
- UE [79]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 8. Enchimento vala de sepultura UE [77].
- UE [80]** – Interface de vala de sepultura n.º 9. Escavada no sedimento UE [42]. Coberta
pela UE [19]. Preenchida pela UE [81]. Corta a UE [42].
- UE [81]** – Camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente com-
pacta. Enchimento vala de sepultura n.º 9. Cobre a UE [82].
- UE [82]** – Unidade atribuída ao esqueleto n.º 9. Enchimento vala de sepultura UE [80].

6.7. Ambiente 7

Estamos perante um amplo compartimento retangular, que infelizmente apenas se encontrava
preservado ao nível dos alicerces, não sendo claro qual a sua funcionalidade. Podia eventual-
mente tratar-se, face à sua clara articulação com o edifício da Igreja, de um espaço de sacristia.

Encontrava-se delimitado pelas paredes UE [36], [47], [52] e [59], circunscrevendo
uma área de 7 por 5 metros, ou seja 35 metros quadrados (ver figuras 13 e 46 a 48).

Removidos os níveis de afetação, UE [19], surgiu uma camada argilosa de tom casta-

nho-escuro, grão fino, compacta, composta por carvões e nódulos de argamassa branca, UE [54]. O espólio é escasso constituído por cerâmica comum e algumas faianças de meados do século XVIII.

As estruturas UE [52] e [59], assentam sobre este nível de aparente regularização da área (ver figura 19). Sendo que esta camada encosta às estruturas pré-existentes UE [36], [47]. Estaremos perante uma segunda fase? E assim teríamos a construção destes compartimentos anexos encostando às estruturas da Igreja?

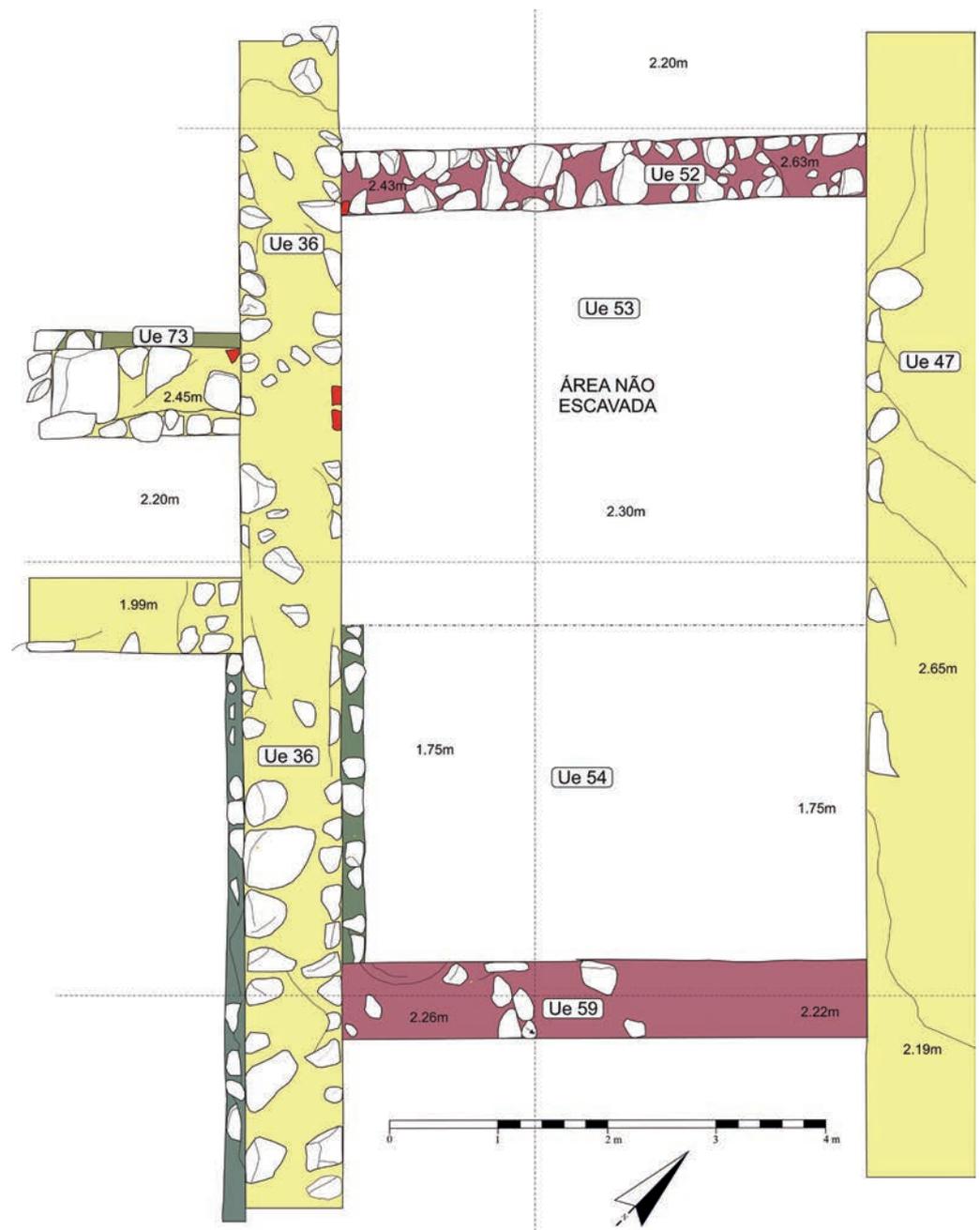
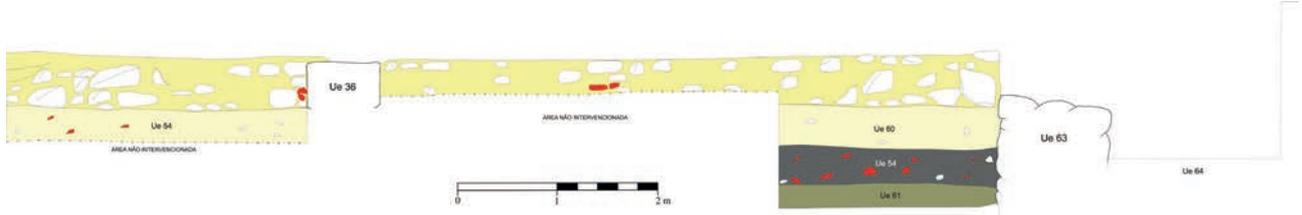


Figura 45
Pormenor da planta
do ambiente 7.

Figura 46

Perfil norte no interior do ambiente 7 e 8.

**Figura 47**

Vista geral dos ambientes 7 e 8 em fase de escavação.

**Figura 48**

Vista geral da sondagem efetuada no ambiente 7.

6.7.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Correspon-
dia ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde
de Alhandra. Estende-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [54] – Camada argilosa de tom castanho-escuro, grão fino, compacta. Composta por
carvões e nódulos de argamassa branca. O espólio é escasso constituído por cerâmica
comum e algumas faianças. Coberta pela UE [19].

6.8. Ambiente 8

Estamos perante um dos compartimentos de menor dimensão identificados na totalidade
da área intervencionada. Infortunadamente este encontra-se preservado apenas ao nível
dos alicerces, não sendo claro qual a sua funcionalidade. Podia eventualmente tratar-se,
face à sua clara articulação com o edifício da Igreja, de um espaço de sacristia.

Encontrava-se delimitado pelas paredes UE [36], [47], [59] e [63], circunscrevendo
uma área de 5,80 por 4,80 metros, ou seja 27,8 metros quadrados (ver figura 13).

Removidos os níveis de afetação, UE [19], registou-se uma camada arenoargilosa de
tom castanho-claro, grão fino, medianamente compacta, UE [60]. Esta era composta por
carvões e nódulos de argamassa branca e amarela. O espólio revelou-se assaz escasso,
constituído essencialmente por fragmentos de cerâmica comum setecentista e algumas
faianças.

Sob esta unidade detetou-se a camada já registada no ambiente 7, UE [54]. Como refe-
rimos as estruturas UE [52] e [59] assentam sobre este nível de aparente regularização da
área. Sendo que esta camada encosta às estruturas pré-existentes UE [36], [47] (ver figura
50).

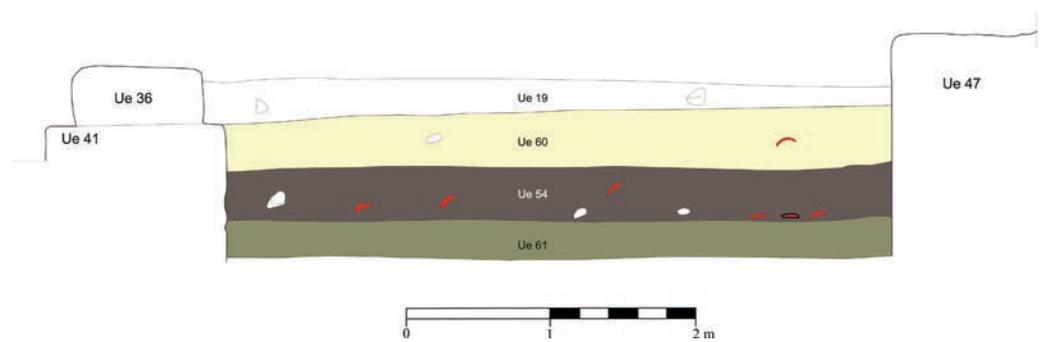
Estaremos então perante uma segunda fase? E assim teríamos a construção destes com-
partimentos anexos encostando às estruturas da Igreja?

Para responder a esta questão, efetuou-se uma ampla sondagem estratigráfica neste
ambiente (indo esta) até aos níveis geológicos. Este compromisso permitiu verificar que
as infra-estruturas correlacionadas com a ermida são muito bem edificadas e que assentam
e chegam mesmo a cortar os níveis geológicos de base. As estruturas UE [52] e [59], são
claramente ulteriores e obedecem a outras técnicas de construção que se vêm associar e
adoçar ao corpo já existente.

Figura 49
Pormenor da planta do ambiente 8.



Figura 50
Perfil oeste no interior do ambiente 8.



6.8.1. Lista das Unidades Estratigráficas Detetadas

Nesta área efetuámos a seguinte sequência estratigráfica:

UE [19] – Nível heterogéneo constituído por tijolos recentes, cimento e pedras. Corresponde ao nível de destruição dos edifícios aqui existentes para a construção do Centro de Saúde de Alhandra. Estendia-se por toda a área no início dos trabalhos. Cobre as UE [20], [21] e [22].

UE [59] – Estrutura pétrea de grandes dimensões composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa de tom castanho avermelhado. Similar à UE [52]. Coberta pela UE [19].

UE [60] – Camada arenoargilosa de tom castanho-claro, grão fino, medianamente compacta. Composta por carvões e nódulos de argamassa branca e amarela. O espólio é escasso constituído por cerâmica comum setecentista e algumas faianças. Similar à UE [53]. Coberta pela UE [19]. Cobre a UE [54].

UE [61] – Nível de base geológico de margas verdes. Similar à UE [32] do ambiente 1. Coberta pela UE [54].

UE [62] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa amarela. Esta parede corresponde ao alicerce da parede de tardoz da antiga Ermida de São Francisco. Coberta pela estrutura UE [71] e pelo sedimento UE [19].

UE [63] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa amarela. Similar à UE [62]. É porém claramente posterior pois encosta à fundação UE [41]. A parede UE [47] encosta igualmente a esta estrutura. Coberta pela UE [19].

UE [64] – Camada arenoargilosa de tom castanho, de grão fino e compacta. Composta por cerâmica de construção, cerâmica comum, Faianças e pedras de pequeno calibre. Coberta pela UE [19].

UE [71] – Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena, média e grande dimensão com ligante de argamassa amarela. Corresponde à parede de tardoz da antiga Ermida de São Francisco. Coberta pela UE [19]. Assenta sobre o alicerce UE [62].

UE [72] – Alicerce da estrutura UE [37]. Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena e média dimensão com ligante de argamassa branca. Coberta pela UE [21] e pela UE [37].

UE [73] – Alicerce da estrutura UE [58]. Estrutura pétrea composta por blocos calcários de pequena e média dimensão com ligante de argamassa branca. Coberta pela UE [21] e pela UE [58].

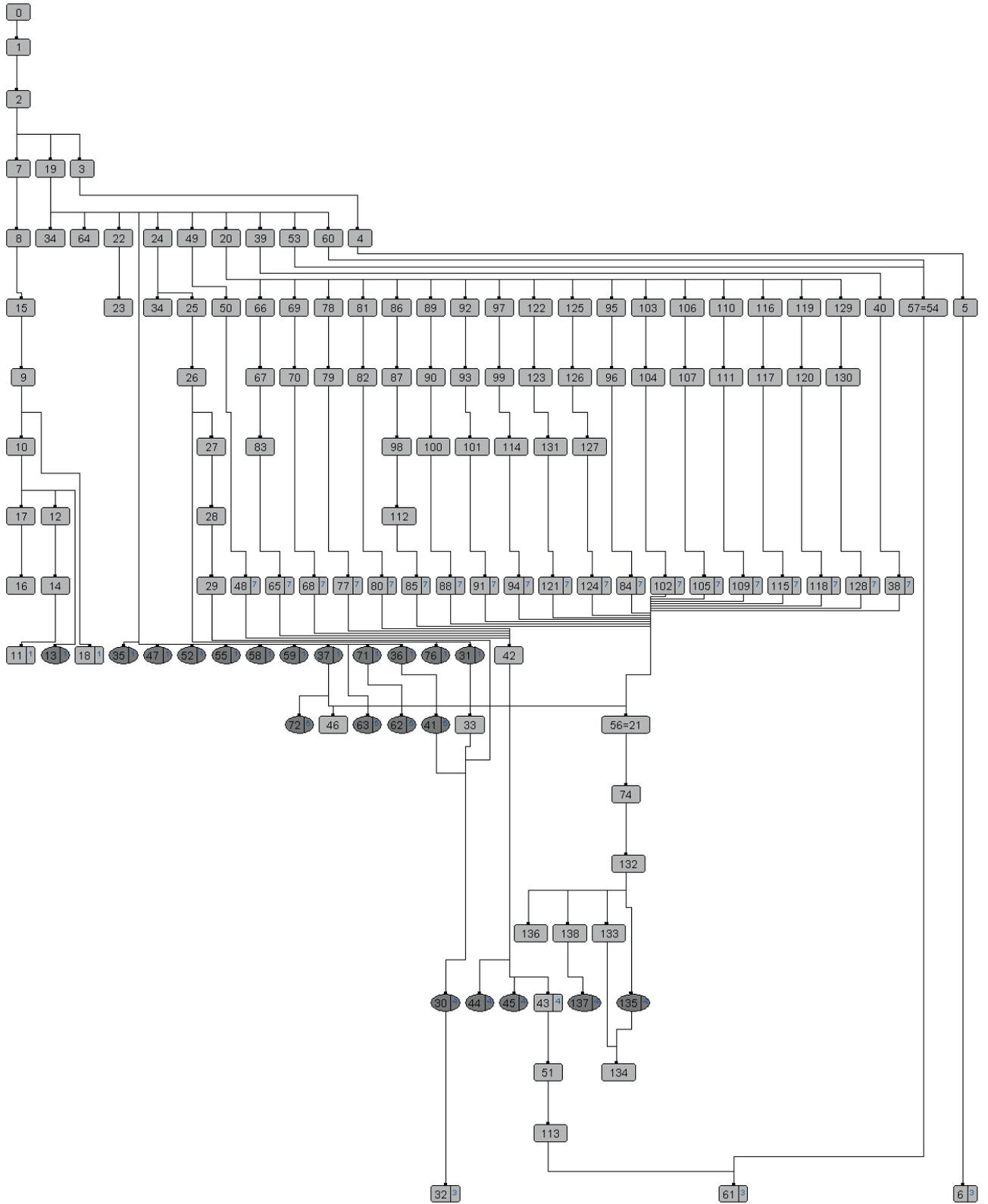


Figura 51
Matriz estratigráfica
da escavação.

7. Resultados Antropológicos

A escavação dos contextos funerários presentes no local do futuro Centro de Saúde de Alhandra (CSA) teve o seu início no dia 6 de Fevereiro de 2012 e foi concluída no dia 30 de Março de 2012.

Os contextos funerários intervencionados faziam parte da Ermida de São Francisco que foi erigida no local durante o século XVIII – mais precisamente a partir de 1721 – por uma Ordem Terceira consagrada a este santo. O fim da ocupação deveu-se à destruição da ermida provocada pelo Terramoto de 1755. No que diz respeito aos contextos funerários, o objetivo da intervenção arqueológica consistiu na salvaguarda de todas as inumações presentes no local, cuja deteção obrigara à suspensão dos trabalhos relacionados com a construção do futuro CSA.

O presente trabalho, apresenta a documentação referente a 28 esqueletos inumados em deposição primária, assim como de 7 outros conjuntos de ossos humanos correspondentes a ossários ou a outros conjuntos de ossos dispersos em função de ação antrópica (Figura 52).

7.1. Metodologia

7.1.1. Metodologia de Campo

O trabalho de campo obedeceu às três etapas tradicionais:

1. A definição de cada conjunto de ossos humanos foi efetuada recorrendo a ferramentas adequadas a este tipo de operação – instrumentos de dentista, pincéis e teques de madeira. O objetivo consistiu na deteção e identificação de todos os elementos ósseos, permitindo assim um adequado processo de registo. Os sedimentos associados aos restos humanos foram crivados com uma malha de 5 mm visando a recuperação dos elementos ósseos e artefactos de pequena dimensão. A cada esqueleto foi atribuído um número sequencial. Ao primeiro esqueleto detetado foi atribuído o número 2⁺ ;
2. O registo incluiu a inventariação gráfica em ficha de esqueleto dos ossos de cada inumação primária individual. Os ossos presentes em ossários ou em conjuntos de ossos dispersos de natureza indeterminada foram inventariados em lista. Procedeu-se igualmente ao registo fotográfico – e em alguns casos, ao registo em desenho – de cada um dos contextos encontrados. Esta fase integrou ainda o registo de alguns dados de natureza osteobiográfica, funerária e tafonómica;
3. O levantamento dos esqueletos foi acompanhado pelo registo adicional de dados osteobiográficos, funerários e tafonómicos. O acondicionamento dos ossos foi efetuado de forma individual no caso dos esqueletos em conexão anatómica. Os ossos dispersos foram integrados no mesmo saco quando pertencentes ao mesmo contexto e à mesma região anatómica. Os sacos – devidamente furados – foram identificados com o contexto de proveniência e o osso contido. Um exemplo das etiquetas utilizadas pode ser consultado na Figura 53. Cada conjunto de restos humanos foi adicionalmente acondicionado em contentor individualizado e identificado. Em alguns casos, amostras de sedimento associadas ao sacro e amostras de controlo foram recolhidas. Os materiais foram transportados para o Palácio da Quinta da Piedade (Póvoa de Santa Iria) para

⁺ Anterior a esta intervenção, decorreu uma outra da responsabilidade da empresa Era Arqueologia que resultou no levantamento de um primeiro esqueleto

uma análise preliminar associada à execução do relatório antropológico. O seu local de depósito definitivo será o Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

7.2. Análise Bioantropológica

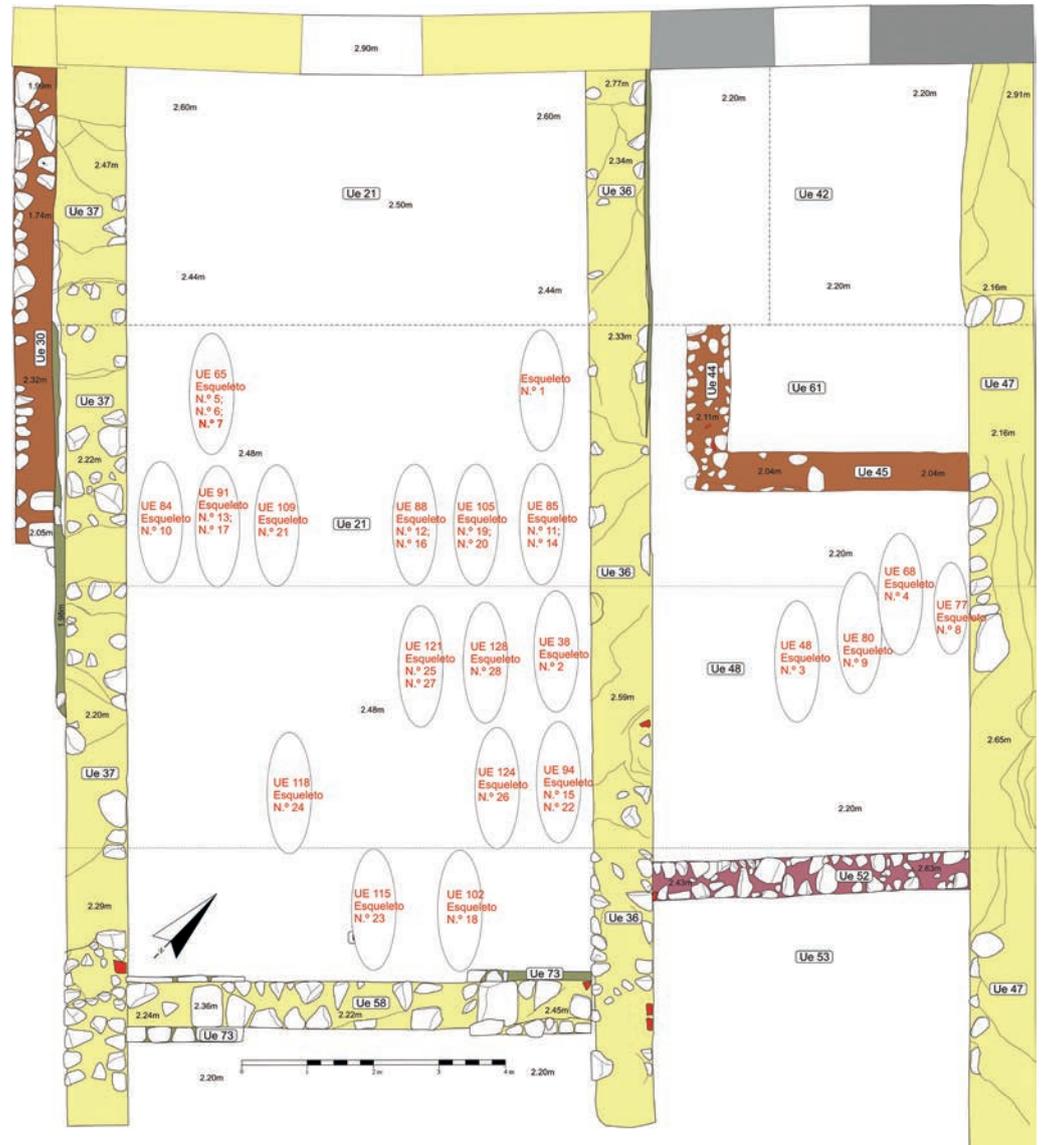
O número mínimo de indivíduos foi estimado tanto no caso das inumações em conexão anatómica como nos conjuntos de ossos desarticulados. Tal foi realizado a partir da monitorização de eventuais repetições ósseas. A representatividade óssea foi avaliada em termos de percentagem calculando a proporção do número de ossos presente em cada inumação de esqueleto em conexão anatómica em relação ao número de ossos expectável ($n = 206$). O resultado obtido foi apresentado em forma de intervalo com uma amplitude de 10% (ex.: 70-80%). A preservação do esqueleto foi avaliada de forma geral a partir de duas categorias:

4. Boa – esqueleto apresentando reduzida fragmentação e permitindo a aplicação de metodologias de determinação do perfil biológico;
5. Pobre - esqueleto muito fragmentado e não permitindo a aplicação de metodologias de determinação do perfil biológico.

No caso dos ossos desarticulados, a preservação foi codificada da seguinte forma: 1 = preservação superior a 75%; 2 = preservação entre 50 e 74%; 3 = preservação entre 25 e 49%; 4 = preservação inferior a 25%.

A determinação do perfil biológico foi efetuada para todos os indivíduos apresentando conexões anatómicas. A estimativa da idade à morte baseou-se em parte na idade de união e fusão das epífises a partir de Shaefer *et al*, 2009 e Albert e Maples, 1995. Também foram examinadas as alterações degenerativas da sínfise púbica a partir de Brooks e Suchey, 1990, da superfície auricular a partir de Buckberry e Chamberlain, 2002, e da extremidade esternal das costelas com base nas recomendações de Loth publicadas em Ubelaker, 1989. Neste aspeto, a ossificação da laringe e da traqueia foi também usada como índice auxiliar da idade.

Figura 52
Planta parcial da
Ermida de São
Francisco com
localização das
inumações.



A determinação do sexo foi feita a partir das recomendações de Ferembach *et al*, 1980, para a avaliação morfognóstica do osso coxal e do crânio e da análise osteométrica do úmero e fémur, do talus e calcâneo e do osso coxal.

A estimativa da estatura foi efetuada a partir das regressões lineares de Mendonça, 2000, para o fémur e o úmero. Esta abordagem foi adoptada, mas ressalva-se que é possível haver um desfaseamento entre o perfil físico dos indivíduos inumados na ermida de São Francisco e o perfil físico dos indivíduos a partir dos quais foram desenvolvidas as equações de regressão para estimativa de estatura.

Algumas alterações patológicas do esqueleto foram também documentadas, embora não de forma pormenorizada, procedimento que seria apenas possível após extensa análise laboratorial. Entre elas estão as doenças degenerativas articulares e não-articulares, as lesões traumáticas e as condições congénitas.

A descrição dos eventuais processos tafonómicos que afetaram os ossos foi igualmente efetuada.

Sítio CSA 2012
Data 1/03/2012 E. 11
UE 87 Ambiente 3
Descrição clavícula esq

7.3. Análise Funerária

Os aspetos funerários foram documentados em termos da descrição estrutural da sepultura, do tratamento dado aos restos mortais, da organização ao nível do número de cadáveres presentes em cada momento inumatório e do tipo de deposição efetuada (primária ou secundária). Além disso, avaliou-se se a deposição de cada cadáver se processou em espaço aberto (ex.: caixão) ou em espaço fechado (colmatação direta). Esta avaliação teve como base o estado – aberto ou fechado – das articulações do esqueleto e a presença de artefactos indiciadores de uma ou outra condição (ex.: pregos de caixão).

Ao nível do esqueleto propriamente dito, foram documentadas a sua orientação e a posição do crânio, tronco e membros. Além disso, a sua relação com outras unidades estratigráficas foi igualmente registada.

Os resultados das observações e análises para cada deposição primária em conexão anatómica são apresentados em formulário uniformizado na secção 3.

7.4. Resultados

A necrópole da Ermida de São Francisco albergava 28 esqueletos⁵ com algum grau de conexão anatómica e 7 outros conjuntos de ossos desarticulados, sendo que apenas dois destes – unidades estratigráficas 97 e 106 – aparentavam representar ossários no sentido estrito do termo. Os restantes conjuntos – unidades estratigráficas 66, 86, 89, 92 e 129 – consistiam mais provavelmente em ossos involuntariamente dispersos pela reutilização de sepulturas. Aparentemente, nestes casos não houve lugar a uma aglomeração intencional de ossos.

No aspeto tafonómico, alguns processos foram detetados durante a escavação. Diversos esqueletos foram afetados pelos trabalhos relacionados com a construção do centro de saúde: casos de pisoteio – humano e mecânico – dos ossos não foram raros. Essa situação tendeu a decrescer conforme a escavação foi decorrendo e as inumações em cotas inferiores apresentavam já melhor preservação geral. Também se observaram situações de esmagamento dos ossos por pedras presentes no enchimento das sepulturas dos indivíduos 6 e 9. Por outro lado, a ação das raízes foi quase nula e apenas o indivíduo 18 foi afetado por este processo. Também há a destacar que alguns esqueletos foram cobertos com cal (indivíduos 11, 12, 13, 18 e 26) e muitos deles apresentavam indícios de contacto com peças metálicas.

A estimativa do número mínimo de indivíduos para cada um dos conjuntos de ossos desarticulados é apresentada na Tabela 1⁶. O ossário [106] apresentou o maior número de

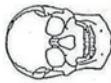
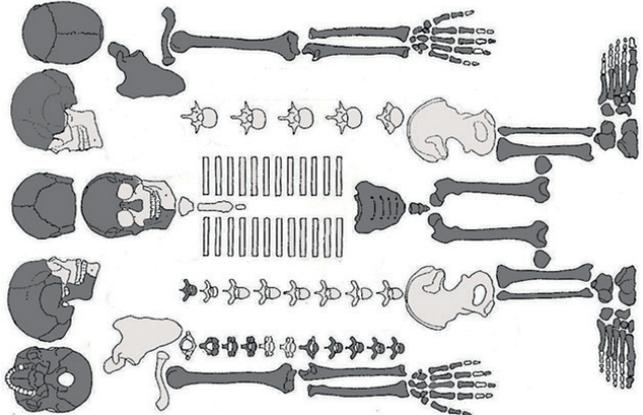
⁵ O esqueleto levantado na primeira intervenção arqueológica a cargo da Era Arqueologia não é aqui contabilizado.

⁶ O inventário dos conjuntos de ossos dispersos é apresentado em apêndice.

indivíduos. A contabilidade incluindo todos os conjuntos de ossos desarticulados indicou a presença de pelo menos 6 indivíduos. A estimativa incluindo tanto os ossos articulados como os ossos dos esqueletos em conexão anatômica indicou um número mínimo de 30 indivíduos a partir da repetição do fêmur esquerdo (Tabela 2). É possível que esta estimativa aumente em função da utilização de outras metodologias – para além da mera repetição óssea – que possam porventura detetar indivíduos adicionais (ex.: análise de ossos antímeros ou incoerências ao nível do sexo).

Tabela 1: Estimativa do número mínimo de indivíduos nos conjuntos de ossos desarticulados do CSA.

Unidade Estratigráfica	NMI	Indicador
66	1	Vários
86	2	Vários
89	2	Metacarpiano 5 dto
92	1	Vários
97	2	Vários
106	3	Vários
129	1	Vários
Total	6	Ulna dta

Esqueleto Nº 2		UE 40	Figura 3	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	90-100%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Homem	7-9		
Idade-à-morte	Adulto (Médio)	4-6		
Estatura	162 cm (± 6,9)	11		
Patologia	Doença discos intervertebrais	13		
	Entesófitos ligamentos amarelos	-		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostra de sedimento recolhida			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada em fase de obra)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		Cachimbo		
Aspectos Tafonómicos				
Fraturas recentes não relacionadas com a escavação				
Relações Estratigráficas		<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: black; margin-right: 5px;"></div> Íntegro <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: gray; margin-left: 20px; margin-right: 5px;"></div> Fragmentado </div>		
Integrado em:	[38]			
Coberto por:	[39]			

Esqueleto Nº 3

UE 50

Figura 4

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	30-40%	-
Preservação Geral	Pobre	-
Sexo	Homem?	7
Idade-à-morte	Adulto (Médio?)	1-2
Estatura	-	-
Patologia	Doença discos intervertebrais	13
	Entesófitos ligamentos amarelos	-

Comentários

-

Amostras

Amostra de sedimento do sacro e de controlo recolhidas

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada em fase de obra)
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente		

Espólio Associado

Pregos e alfinetes de mortalha

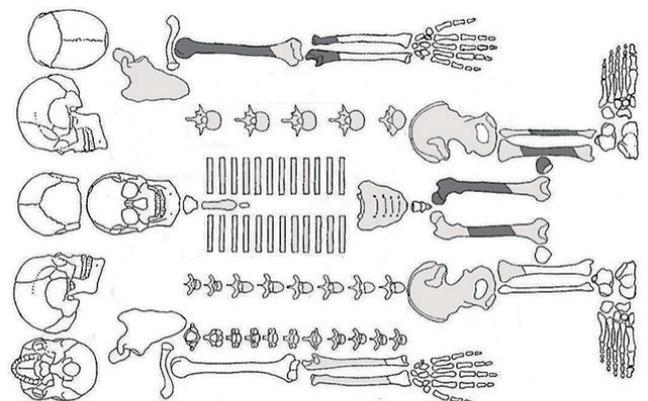
Aspectos Tafonómicos

Fraturas recentes não relacionadas com a escavação

Relações Estratigráficas

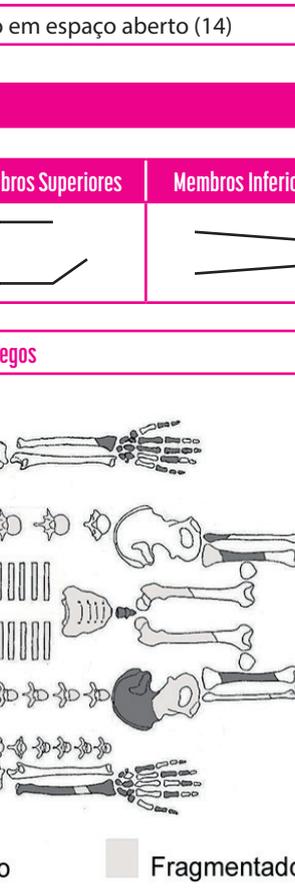
Integrado em: [48]

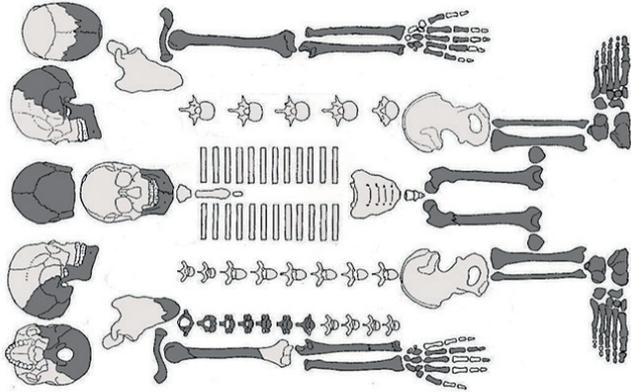
Coberto por: [49]



■ Íntegro

■ Fragmentado

Esqueleto Nº 4		UE 70	Figura 5	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	40-50%	-		
Preservação Geral	Pobre	-		
Sexo	Homem?	7 e 9		
Idade-à-morte	Adulto (Médio)	1, 5 e 6		
Estatura	-	-		
Patologia	-	-		
	-	-		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostra de sedimento de sacro recolhida			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada em fase de obra)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Afectado		
Espólio Associado		Pregos		
Aspectos Tafonómicos				
Fraturas recentes não relacionadas com a escavação				
Relações Estratigráficas		<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: #cccccc; margin-right: 5px;"></div> Íntegro </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: #ffff00; margin-right: 5px;"></div> Fragmentado </div> </div>		
Integrado em:	[68]			
Coberto por:	[69]			

Esqueleto Nº 5		UE 67	Figura 6	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	90-100%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Homem	7 e 9		
Idade-à-morte	Adulto (Jovem ou Médio)	3-6		
Estatura	168 cm (± 6,9)	11		
Patologia	Entesófitos ligamentos amarelos	-		
	-	-		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostra de sedimento do sacro recolhida			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Não articulado		
Espólio Associado		Pregos; botões; alfinetes de mortalha		
Aspectos Tafonómicos				
Nada a assinalar				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[65]			
Coberto por:	[66]			
Cortado por:	[76]			
				

Esqueleto Nº 6

UE 76

Figura 7

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	60-70%	-
Preservação Geral	Boa	-
Sexo	Homem	7 e 10
Idade-à-morte	Adulto (Médio)	1, 4-6
Estatura	167 cm (\pm 6,9)	11
Patologia	Entesófitos ligamentos amarelos	-
	Entesófito - tendão de aquiles	-
	Doença discos intervertebrais	13
	Nódulos de Schmorl - várias vért.	13
Comentários	Laringe em processo de ossificação	
Amostras	Não recolhidas	

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada por inumação do esqueleto 5)
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça > Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			

Espólio Associado

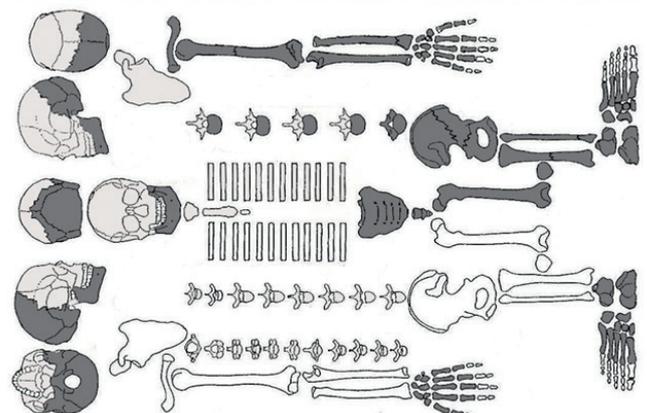
Pregos; botões; alfinetes de mortalha

Aspectos Tafonómicos

Esmagamento de ossos por pedras

Relações Estratigráficas

Integrado em:	[65]
Coberto por:	[66]
Cortado por:	[67]

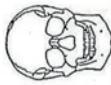
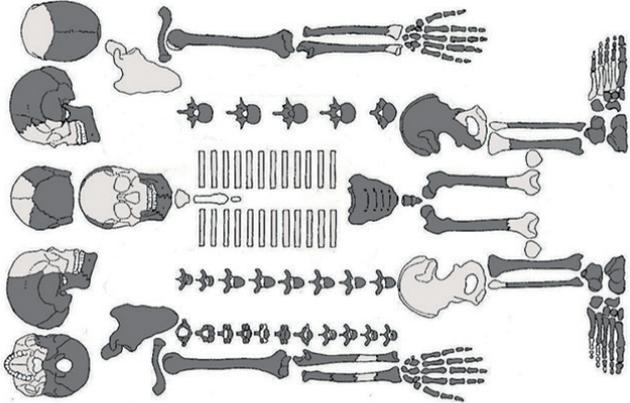


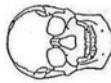
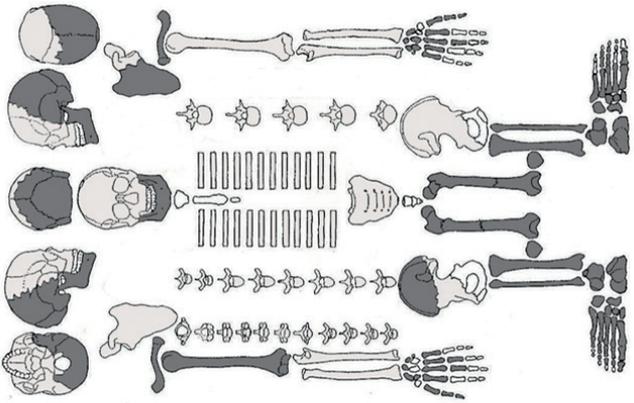
■ Íntegro

■ Fragmentado

Esqueleto Nº 7		UE 83	Figura 8	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	10-20%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Homem ?	8		
Idade-à-morte	Adulto ?	1		
Estatura	168 cm (± 6,9)	11		
Patologia	-	-		
	-	-		
Comentários	-			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada por inumação do esqueleto 5)			
Espaço de Deposição	Indeterminado			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente	Ausentes	/ ? \
Espólio Associado	-			
Aspectos Tafonómicos				
Nada a assinalar				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[65]			
Coberto por:	[66]			
Cortado por:	[67]			
		 Íntegro Fragmentado		

Esqueleto Nº 8		UE 79	Figura 9	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	10-20%	-		
Preservação Geral	Pobre	-		
Sexo	Mulher ?	7 e 8		
Idade-à-morte	Adulto (Médio)	5		
Estatura	-	-		
Patologia	Nódulo de Schmorl	13		
	-	-		
Comentários	-			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (cortada por evento indeterminado)			
Espaço de Deposição	-			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Não articulado		Ausentes
Espólio Associado		-		
Aspectos Tafonómicos				
Esmagamento provocado por máquina				
Relações Estratigráficas		<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> Íntegro Fragmentado </div>		
Integrado em:	[77]			
Coberto por:	[78]			

Esqueleto Nº 9	UE 82	Figura 10		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	90-100%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Homem	7-10		
Idade-à-morte	Adulto (Jovem)	3-6		
Estatura	168 cm (± 6,9)	11		
Patologia	Doença discos intervertebrais	13		
	Entesófitos ligamentos amarelos	-		
	Nódulos de Schmorl - T12	13		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
SE/NO	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		Pregos; botões; alfinetes de mortalha		
Aspectos Tafonómicos				
Esmagamento por pedras presentes no enchimento				
Relações Estratigráficas		<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> Íntegro Fragmentado </div>		
Integrado em:	[80]			
Coberto por:	[81]			

Esqueleto Nº 10	UE 96	Figura 11		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	80-90%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Mulher	7-9		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 5 e 6		
Estatura	148 cm (\pm 5,96)	11		
Patologia	Osteoartrose multilocalizada	13		
	Entesófito - tibia sulco maleolar	-		
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13		
	Totalmente edentulosa	-		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		-		
Aspectos Tafonómicos				
Coloração verde na tibia esquerda				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[84]			
Coberto por:	[95]			

Esqueleto Nº 11

UE 87

Figura 12

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	60-70%	-
Preservação Geral	Boa	-

Sexo	Homem	7-9
Idade-à-morte	Adulto (Médio)	1, 3-6
Estatura	163 cm (\pm 8,44)	11
Patologia	Doença discos intervertebrais	13
	Entesófitos ligamentos amarelos	-
	Nódulos de Schmorl	13

Comentários	Laringe em processo de ossificação
-------------	------------------------------------

Amostras	Amostra de sedimento do sacro recolhida
----------	---

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária
Espaço de Deposição	Indeterminado

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito lateral esquerdo	Ausente		

Espólio Associado

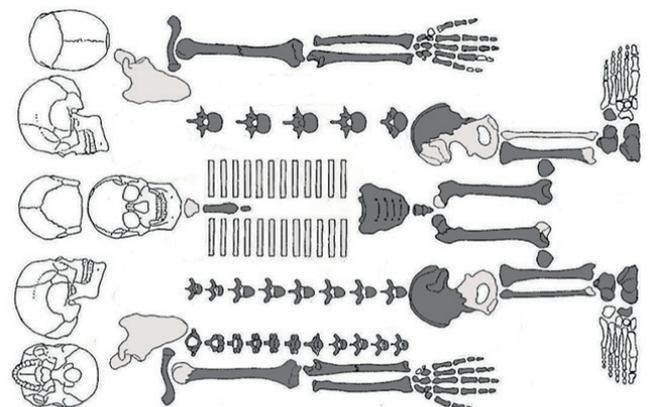
Prego

Aspectos Tafonômicos

Esqueleto coberto de cal

Relações Estratigráficas

Integrado em:	[85]
Coberto por:	[86]
Cobre:	[98]



Íntegro

Fragmentado

Esqueleto Nº 12

UE 90

Figura 13

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	75-85%	-
Preservação Geral	Boa	-
Sexo	Mulher	7 e 8
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 5 e 6
Estatura	150 cm (\pm 7,70)	11
Patologia	Doença discos intervertebrais	13
	Entesófito - ligamentos amarelos	-
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13
Comentários	Laringe e traqueia em processo de ossificação	
Amostras	Amostras do sedimento do sacro e de controlo recolhidas	

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			

Espólio Associado

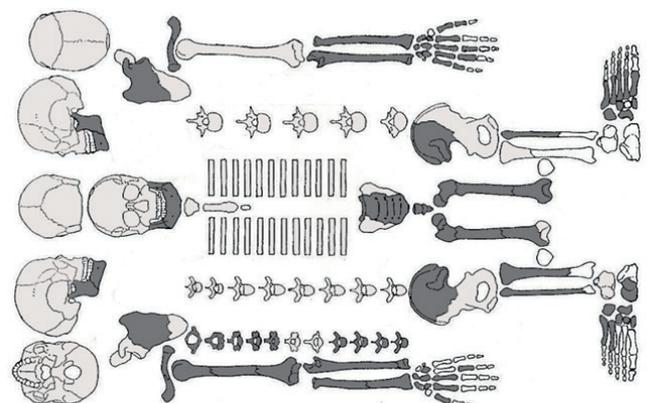
Alfinete de mortalha

Aspectos Tafonómicos

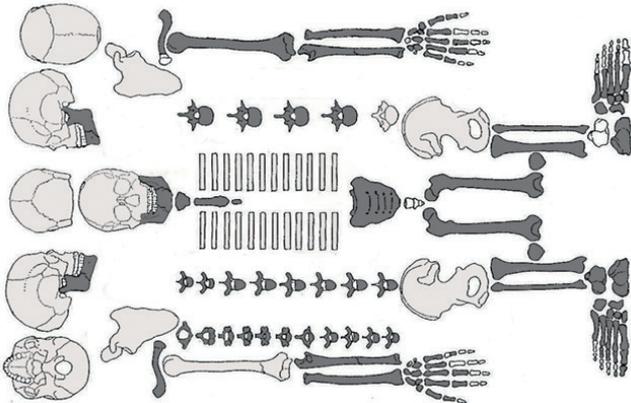
Esqueleto coberto de cal

Relações Estratigráficas

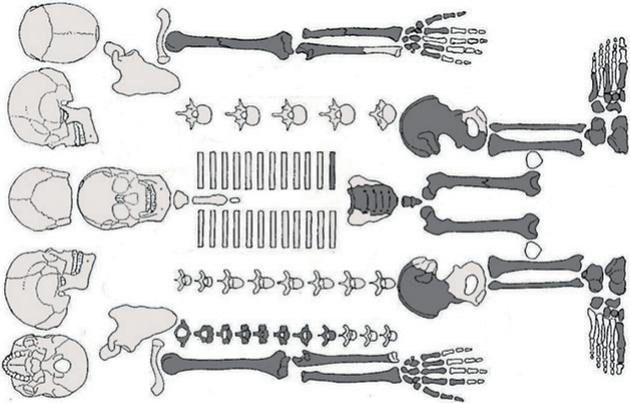
Integrado em:	[88]
Coberto por:	[89]
Cobre:	[100]

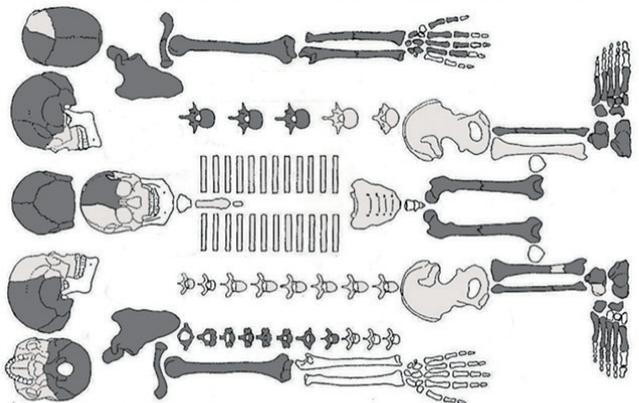

 Íntegro

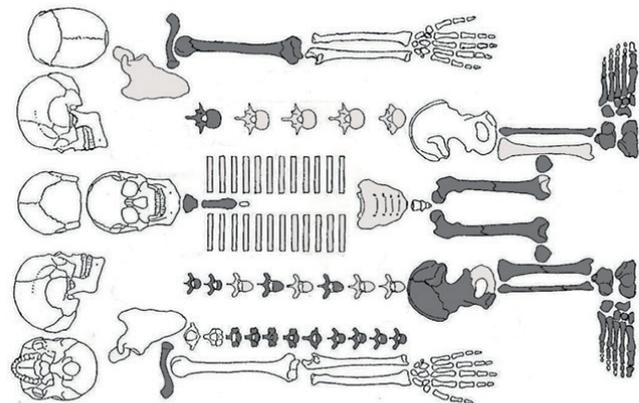
 Fragmentado

Esqueleto Nº 13		UE 93		Figura 14	
Aspectos Osteobiográficos					
Parâmetro	Observação	Métodos			
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea			
Representatividade Óssea	90-100%	-			
Preservação Geral	Boa	-			
Sexo	Mulher	7-10			
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6			
Estatura	150 cm (\pm 5,96)	11			
Patologia	Doença discos intervertebrais	13			
	Entesófito - ligamentos amarelos	-			
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13			
	Osteoartrose multilocalizada	13			
Comentários	Laringe em processo de ossificação				
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas				
Aspectos Funerários					
Parâmetro	Descrição				
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular				
Tratamento Funerário	Inumação				
Organização Funerária	Individual				
Tipo de Deposição Funerária	Primária				
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)				
Posição e Orientação do Esqueleto					
Cabeça + Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores	
NO/SE	Decúbito dorsal				
Espólio Associado		Alfinetes de mortalha			
Aspectos Tafonómicos					
Esqueleto coberto de cal					
Relações Estratigráficas					
Integrado em:	[91]				
Coberto por:	[92]				
Cobre:	[101]				

Esqueleto Nº 14		UE 98		Figura 15	
Aspectos Osteobiográficos					
Parâmetro	Observação	Métodos			
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea			
Representatividade Óssea	60-70%	-			
Preservação Geral	Boa	-			
Sexo	Mulher	7-10			
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6			
Estatura	159 cm (± 6,9)	11			
Patologia	Osteoartrose - C7/T1	13			
	Doença discos intervertebrais	13			
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13			
	Anquilose - 1ª costelas/manúbrio	-			
Comentários	Traqueia em processo de ossificação				
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas				
Aspectos Funerários					
Parâmetro	Descrição				
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular				
Tratamento Funerário	Inumação				
Organização Funerária	Individual				
Tipo de Deposição Funerária	Primária				
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço fechado (14)				
Posição e Orientação do Esqueleto					
Cabeça + Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores	
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente			
Espólio Associado		Botões			
Aspectos Tafonómicos					
Nada a assinalar					
Relações Estratigráficas					
Integrado em:	[85]				
Coberto por:	[86] e [87]				
Cortado:	[87]				
Assenta sobre:	[112]				

Esqueleto Nº 15		UE 99		Figura 16	
Aspectos Osteobiográficos					
Parâmetro	Observação	Métodos			
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea			
Representatividade Óssea	75-85%	-			
Preservação Geral	Boa	-			
Sexo	Indeterminado	7-10			
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 4-6			
Estatura	159 cm (± 6,9)	11			
Patologia	Osteoartrose multilocalizada	13			
	Doença discos intervertebrais	13			
	Entesófito - ligamentos amarelos	-			
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13			
Comentários	Laringe em processo de ossificação				
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas				
Aspectos Funerários					
Parâmetro	Descrição				
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular				
Tratamento Funerário	Inumação				
Organização Funerária	Individual				
Tipo de Deposição Funerária	Primária				
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)				
Posição e Orientação do Esqueleto					
Cabeça + Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores	
NO/SE	Decúbito dorsal				
Espólio Associado		Botões			
Aspectos Tafonómicos					
Nada a assinalar					
Relações Estratigráficas					
Integrado em:	[94]				
Coberto por:	[97]				
Assenta sobre:	[114]				
					

Esqueleto Nº 16	UE 100	Figura 17		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	70-80%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Indeterminado	7-10		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6		
Estatura	157 - 173 cm	11		
Patologia	Osteoartrose (C6/C7) e DDI	13		
	Entesófito - tib. post/lig. amar.	-		
	Nód. Schmorl - C4 e T11	13		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostras do sedimento do sacro e de controlo recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (cortado por deposição do esqueleto 12)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço fechado? (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		Botões		
Aspectos Tafonómicos				
<p>Indícios de metal (tíbia es)</p> <p>Fracturas posmortem do fémur devido à pressão do solo (coxas depositadas sobre uma laje de pedra)</p>				
Relações Estratigráficas		<p>■ Íntegro ■ Fragmentado</p>		
Integrado em:	[88]			
Coberto por:	[89]			
Cortado:	[90]			

Esqueleto Nº 17	UE 101	Figura 18		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	60-70%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Mulher	7 e 10		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 4-6		
Estatura	153 cm (± 5,96)	11		
Patologia	Osteoartrose multilocalizada	13		
	Doença discos intervertebrais	13		
	Entesófitos - lig. amarelos	-		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Amostras do sedimento do sacro e de controlo recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-retangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (cortado por deposição do esqueleto 13)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente	Braços ausentes	
Espólio Associado		Botões		
Aspectos Tafonómicos				
Indícios de metal: tíbia D 10ª costela E 11ª costela E acrómio E				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[91]			
Coberto por:	[92]			
Cortado:	[93]			
				

Esqueleto Nº 18

UE 104

Figura 19

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	65-75%	-
Preservação Geral	Boa	-
Sexo	Mulher	7-9
Idade-à-morte	Adulto (Médio ou Idoso)	1, 3-5
Estatura	153 cm (\pm 5,96)	11
Patologia	Doença discos intervertebrais	13
	Nódulo de Schmorl - T10	13
Comentários	-	
Amostras	Amostras de sedimento do sacro e de controlo recolhidas	

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente		

Espólio Associado

Alfinetes de mortalha e pregos

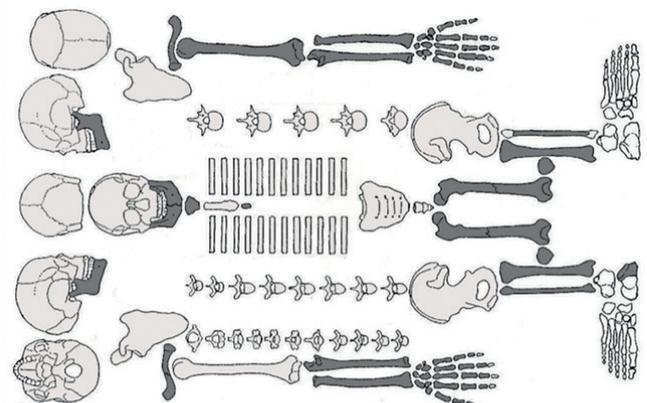
Aspectos Tafonómicos

Indícios de metal:
2 tíbias; rádio E; ulna E; mãos

Pisoteio
Esqueleto coberto de cal
Mancha ferrugenta: crânio
Acção de raízes

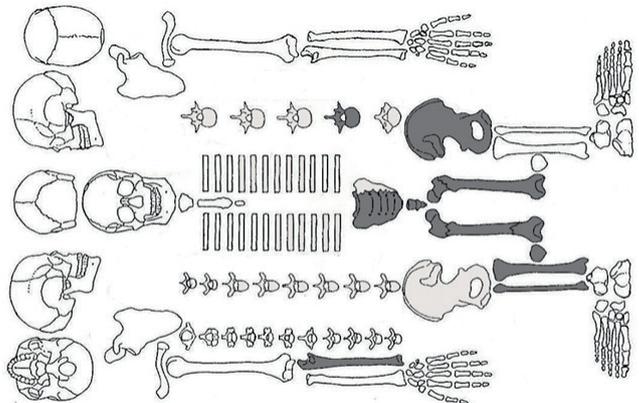
Relações Estratigráficas

Integrado em:	[103]
Coberto por:	[102]


 Íntegro

 Fragmentado

Esqueleto Nº 19		UE 107		Figura 20	
Aspectos Osteobiográficos					
Parâmetro	Observação	Métodos			
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea			
Representatividade Óssea	90-100%	-			
Preservação Geral	Boa	-			
Sexo	Homem	7-10			
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6			
Estatura	169 cm (± 6,96)	11			
Patologia	Osteoartrose - multilocalizada	13			
	Doença discos intervertebrais	13			
	DISH - T2 a L2	13			
	Trauma - Fibula Esq.	-			
Comentários	Laringe e traqueia em processo de ossificação				
Amostras	Não recolhidas				
Aspectos Funerários					
Parâmetro	Descrição				
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular				
Tratamento Funerário	Inumação				
Organização Funerária	Individual				
Tipo de Deposição Funerária	Primária				
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)				
Posição e Orientação do Esqueleto					
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores	
SE/NO	Decúbito dorsal				
Espólio Associado		Alfinetes de mortalha, colchetes e pregos			
Aspectos Tafonómicos					
Nada a assinalar					
Relações Estratigráficas					
Integrado em:	[105]				
Coberto por:	[106]				
Coberto por:	[108]				
		<div style="display: flex; justify-content: center; gap: 20px;"> Íntegro Fragmentado </div>			

Esqueleto Nº 20	UE 108	Figura 21		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	10-20%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Mulher	7, 8 e 10		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 4 e 5		
Estatura	-	-		
Patologia	Osteoartrose - joelhos	13		
	Doença discos intervertebrais	13		
	DISH - T7 a T10	13		
	Entesófitos - ulna (triceps br)	-		
Comentários	-			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (cortado por evento indeterminado)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
SE/NO	Decúbito dorsal	Ausente	Ausentes	// //
Espólio Associado	-			
Aspectos Tafonômicos				
Nada a assinalar				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[105]			
Coberto por:	[106]			
				
 Íntegro Fragmentado				

Esqueleto Nº 21

UE 109

Figura 22

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	70-80%	-
Preservação Geral	Boa	-
Sexo	Homem	7-9
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6
Estatura	163 cm (\pm 6,96)	11
Patologia	Osteoartrose - ulna prox. esq.	13
	Doença discos intervertebrais	13
	Entesófitos - lig. amarelos	-
Comentários	Laringe e traqueia em processo de ossificação	
Amostras	Não recolhidas	

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-retangular
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			

Espólio Associado

Botões e colchetes

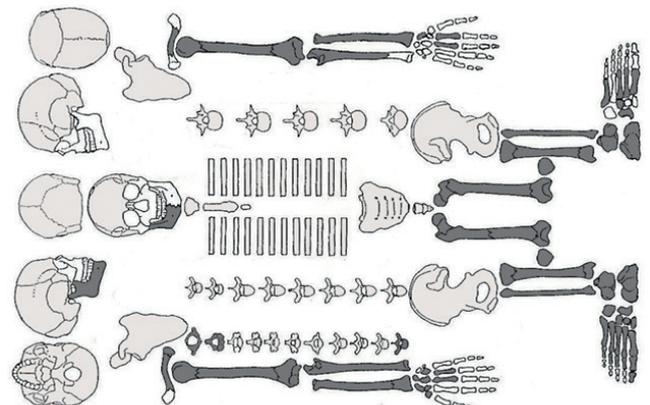
Aspectos Tafonômicos

Nada a assinalar

Relações Estratigráficas

Integrado em: [111]

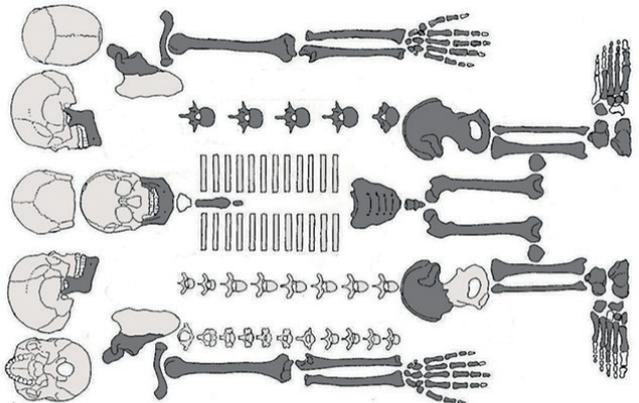
Coberto por: [110]



■ Íntegro

■ Fragmentado

Esqueleto Nº 22		UE 114	Figura 23	
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	0-10%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Indeterminado	-		
Idade-à-morte	Adulto	-		
Estatura	-	-		
Patologia	-	-		
	-	-		
Comentários	-			
Amostras	-			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (cortada pelo esqueleto 15)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente	Ausentes	—
Espólio Associado		-		
Aspectos Tafonómicos				
Nada a assinalar				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[94]			
Coberto por:	[97]			
Coberto por:	[99]			
		 Íntegro Fragmentado		

Esqueleto Nº 23		UE 117		Figura 24	
Aspectos Osteobiográficos					
Parâmetro	Observação	Métodos			
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea			
Representatividade Óssea	90-100%	-			
Preservação Geral	Boa	-			
Sexo	Homem	7-10			
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6			
Estatura	164 cm (± 6,96)	11			
Patologia	Osteoartrose multilocalizada	13			
	Doença discos intervertebrais	13			
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13			
	lombarização da S1	12			
Comentários	Laringe em processo de ossificação				
Amostras	Não recolhidas				
Aspectos Funerários					
Parâmetro	Descrição				
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta sub-rectangular				
Tratamento Funerário	Inumação				
Organização Funerária	Individual				
Tipo de Deposição Funerária	Primária				
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)				
Posição e Orientação do Esqueleto					
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores	
SE/NO	Decúbito dorsal				
Espólio Associado		Colchetes			
Aspectos Tafonômicos					
Indícios de metal: frontal coxa esq					
Relações Estratigráficas					
Integrado em:	[115]				
Coberto por:	[116]				

Esqueleto Nº 24 UE 120 Figura 25

Aspectos Osteobiográficos		
Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	90-100%	-
Preservação Geral	Boa	-
Sexo	Homem?	7-10
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 3-6
Estatura	163 cm (± 6,96)	11
Patologia	Osteoartrose - multilocalizada	13
	Doença discos intervertebrais	13
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13
	Entesófitos - multilocalizados	-
Comentários	Laringe em processo de ossificação	
Amostras	Não recolhidas	

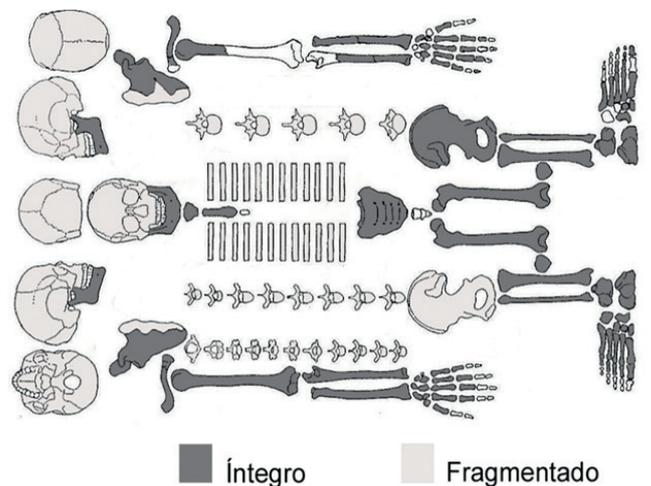
Aspectos Funerários	
Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)

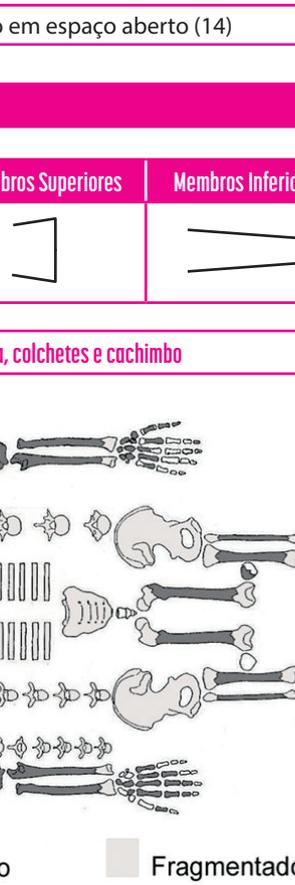
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça + Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
SE/NO	Decúbito dorsal			

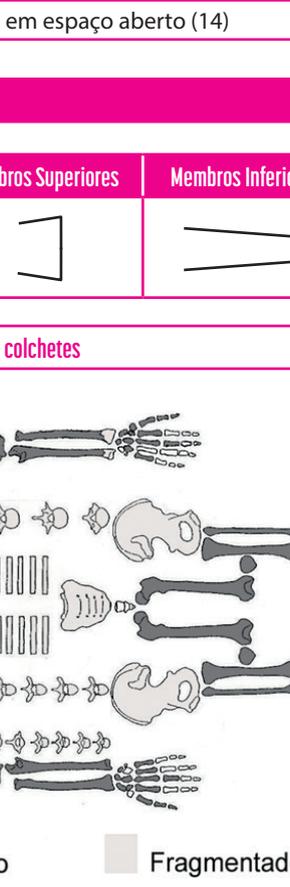
Espólio Associado	Metal, pregos e colchetes
-------------------	---------------------------

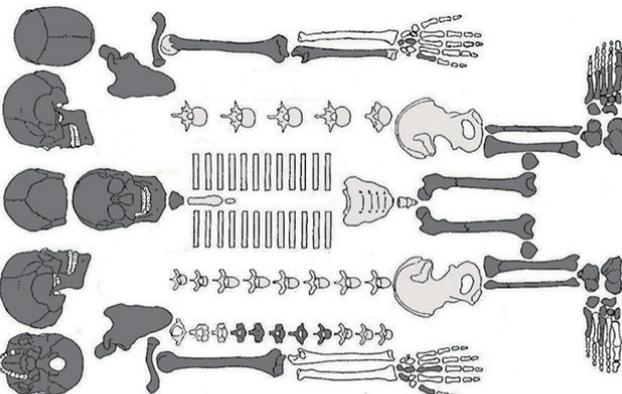
Aspectos Tafonômicos
Nada a assinalar

Relações Estratigráficas	
Integrado em:	[118]
Coberto por:	[119]



Esqueleto Nº 25	UE 123	Figura 26		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	80-90%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Mulher	7 e 8		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1 e 5		
Estatura	153 cm (\pm 5,96)	11		
Patologia	Entesófitos - multilocalizados	-		
	Calo ósseo/neoplasia fémur dto?	-		
Comentários	-			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente		
Espólio Associado		<i>Alfinetes de mortalha, colchetes e cachimbo</i>		
Aspectos Tafonómicos				
Indícios de metal: clavícula dta.				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[121]			
Coberto por:	[122]			
Assenta sobre:	[131]			

Esqueleto Nº 27	UE 130	Figura 28		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	90-100%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Mulher	7-9		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 4-6		
Estatura	154 cm (± 5,96)	11		
Patologia	Doença discos intervertebrais	13		
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13		
Comentários	Laringe em processo de ossificação			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		Pregos e colchetes		
Aspectos Tafonómicos				
Indícios de metal: antebraço esq				
Relações Estratigráficas		<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: #444; margin-right: 5px;"></div> Íntegro </div> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="width: 15px; height: 15px; background-color: #ccc; margin-right: 5px;"></div> Fragmentado </div> </div>		
Integrado em:	[128]			
Coberto por:	[129]			

Esqueleto Nº 28	UE 131	Figura 29		
Aspectos Osteobiográficos				
Parâmetro	Observação	Métodos		
Número Mínimo de Indivíduos	1	Repetição óssea		
Representatividade Óssea	70-80%	-		
Preservação Geral	Boa	-		
Sexo	Homem	7-9		
Idade-à-morte	Adulto (Idoso)	1, 4-6		
Estatura	168 cm (\pm 6,96)	11		
Patologia	Osteoartrose - multilocalizada	13		
	Doença discos intervertebrais	13		
	Nód. Schmorl - multilocalizados	13		
	Escoliose e anquilose	-		
Comentários	Laringe e traqueia em processo de ossificação			
Amostras	Não recolhidas			
Aspectos Funerários				
Parâmetro	Descrição			
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo em planta sub-rectangular			
Tratamento Funerário	Inumação			
Organização Funerária	Individual			
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada pela deposição do esqueleto 123)			
Espaço de Deposição	Indícios de deposição em espaço aberto (14)			
Posição e Orientação do Esqueleto				
Cabeça > Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal			
Espólio Associado		Pregos e botões		
Aspectos Tafonômicos				
Indícios de metal: antebraço esq.				
Relações Estratigráficas				
Integrado em:	[122]			
Coberto por:	[121]			
Coberto por:	[123]			
				

Esqueleto Nº 29

UE 112

Figura 30

Aspectos Osteobiográficos

Parâmetro	Observação	Métodos
Número Mínimo de Individuos	1	Repetição óssea
Representatividade Óssea	0-10%	-
Preservação Geral	Pobre	-
Sexo	Indeterminado	-
Idade-à-morte	Adulto	2
Estatura	-	-
Patologia	-	-
	-	-

Comentários	Apenas parte da coluna vertebral estava presente
-------------	--

Amostras	Amostras não recolhidas
----------	-------------------------

Aspectos Funerários

Parâmetro	Descrição
Descrição da Sepultura	Vala aberta no solo de planta indeterminada
Tratamento Funerário	Inumação
Organização Funerária	Individual
Tipo de Deposição Funerária	Primária (afectada pela deposição do esqueleto 14)
Espaço de Deposição	Indeterminado

Posição e Orientação do Esqueleto

Cabeça - Pés	Tronco	Crânio	Membros Superiores	Membros Inferiores
NO/SE	Decúbito dorsal	Ausente	Ausentes	Ausentes

Espólio Associado

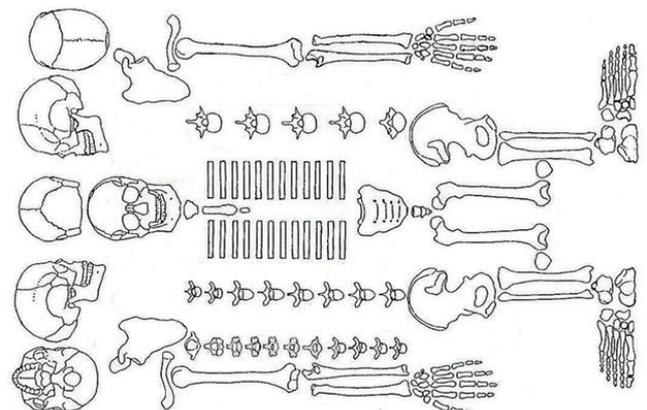
-

Aspectos Tafonómicos

Nada a assinalar

Relações Estratigráficas

Integrado em:	[85]
Coberto por:	[86]
Cortado por:	[98]



■ Íntegro

■ Fragmentado

Ao nível demográfico, a série apresenta 11 indivíduos do sexo masculino e 7 indivíduos do sexo feminino. O sexo dos restantes indivíduos é incerto, sendo que dois deles são possivelmente mulheres e quatro deles são possivelmente homens. Os restantes quatro indivíduos são de sexo indeterminado.

Nenhum indivíduo não adulto foi encontrado na ermida. Apenas um esqueleto não foi classificado como adulto de forma inequívoca – indivíduo n.º 7. Porém, os ossos apresentam também uma aparência já adulta. Ao nível da estrutura etária, a série é composta por uma maioria de adultos médios (35-50 anos) e idosos (> 50 anos). Apenas 1 adulto jovem evidente foi detetado. O esquema da Figura 31 ilustra bem esta composição.

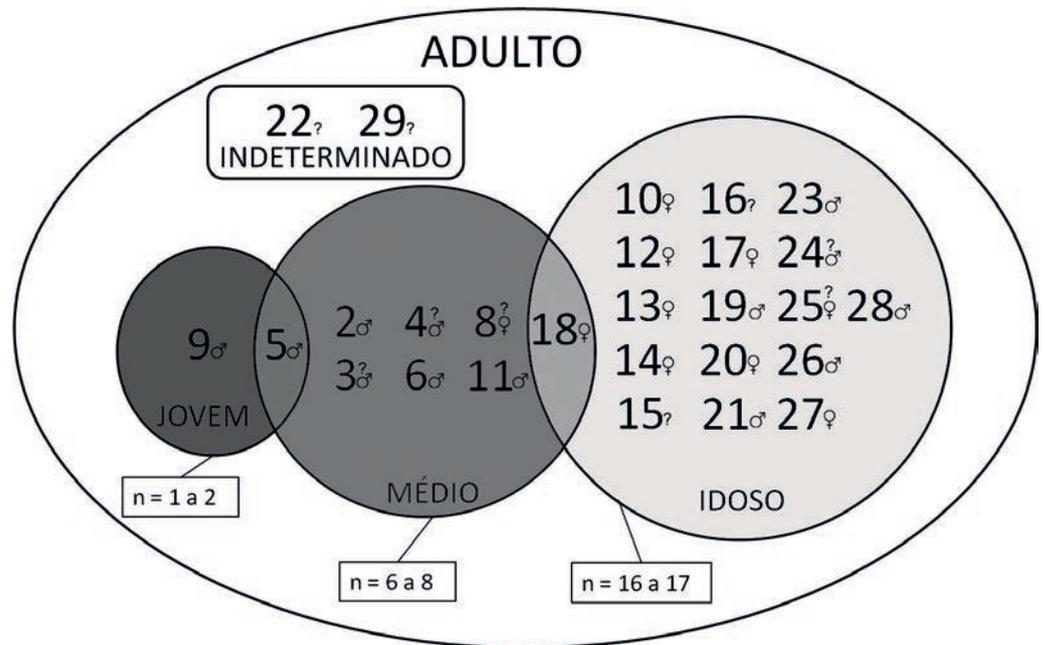


Figura 54
Distribuição etária dos indivíduos da Ermida de São Francisco (CSA).

Ao nível da estatura estimada, as mulheres ($n = 6$; 152,7 cm; máx. = 160; mín. = 149) apresentam valores médios consideravelmente inferiores aos dos homens ($n = 11$; 164,6 cm; máx. = 169; mín. = 159). Este é um resultado expectável em função do dimorfismo sexual natural das populações humanas.

No que diz respeito às alterações ósseas provocadas por condições patológicas, é de salientar uma elevada prevalência de doenças degenerativas. No caso das articulares, cerca de 46% dos esqueletos apresentavam osteoartrose enquanto 75% apresentavam indícios de doença dos discos intervertebrais segundo as definições operacionais de Waldron (Mendonça, 2000). No caso das alterações degenerativas não articulares, a presença de entesófitos foi detetada em 61% dos indivíduos. Esta situação não surpreende, tendo em consideração a elevada idade dos indivíduos que compõem esta série. Também a prevalência de nódulos de Schmorl é bastante elevada – cerca de 56%. É provável que, após uma análise mais abrangente da coleção, se venha a verificar que estas prevalências são na realidade ainda mais elevadas.

Algumas situações mais invulgares foram igualmente detetadas no conjunto de esqueletos do CSA. Em particular, encontraram-se dois casos de DISH nos indivíduos 19 e 20

(Barnes, 1994), (Figuras 83 e 84). Além disso, um caso de lombarização da S1 – acompanhada de sacralização da Co1 – foi encontrado no indivíduo 2312 (Figura 33). Outra condição de natureza congénita foi observada no indivíduo 26 – uma vértebra lombar supranumerária (Figura 34). Em relação a evidências de traumatismo além dos nódulos de Schmorl, foi também observada uma fratura remodelada na fíbula esquerda do indivíduo 19 (Figura 35).

A orientação dos esqueletos do CSA seguiu o eixo longo da estrutura da ermida e, na maioria dos casos, essa orientação foi de Noroeste para Sudeste – da cabeça para os pés – muito provavelmente em função da localização do altar. No entanto, cinco inumações não obedeceram a este critério e apresentavam uma orientação inversa. Três delas correspondiam a homens (indivíduos 9, 19 e 23), uma correspondia a uma mulher (indivíduo 20) e a restante tratava-se de um provável homem (indivíduo 24). Ao nível etário, todas as categorias de adultez estão também representadas nestes cinco indivíduos.

Os esqueletos foram todos depositados em decúbito dorsal, com exceção do indivíduo 11 – um adulto médio do sexo masculino. Foi encontrado em decúbito lateral, deitado sobre o seu lado esquerdo. O crânio estava ausente e o resto do esqueleto estava coberto de cal. Este é por isso um enterramento desviante, pelo menos tendo em consideração que difere de todos os outros presentes na Ermida de São Francisco. As razões para esse desvio à norma são desconhecidas.

A possível atribuição destes indivíduos à Ordem Terceira Franciscana é uma hipótese a ter em conta. A Regra Franciscana (*MemorialePropositi* de 1221) impunha um estilo de vida despojado aos seus membros. Na realidade, os artefactos associados aos enterramentos são escassos, circunstância que parece ir de encontro a esse requisito. Em teoria, um cemitério da Ordem Terceira Franciscana seria essencialmente composto por indivíduos maioritariamente adultos. No cristianismo em geral, crianças muito jovens não são moralmente responsáveis pelos seus pecados e um dos requisitos para aceder à ordem era ter uma boa conduta moral e dar sinais claros de vocação. De facto, nenhum não-adulto foi encontrado, algo que pode ser considerado relativamente anómalo num cemitério católico convencional. Finalmente, representantes de ambos os sexos foram detectados, o que constitui o cenário teoricamente esperado num cemitério da Ordem Terceira Franciscana. Apesar de nenhum destes indicadores ser absolutamente esclarecedor acerca da hipótese acima levantada, também não parecem invalidar que este corresponda a um local de inumação desta ordem.

Figura 55
Esqueleto 2 em plano
ortogonal.



Figura 56
Esqueleto 3 em plano
ortogonal.



Figura 57
Esqueleto 4 em plano
ortogonal.



Figura 58

Esqueleto 5 em plano ortogonal. O esqueleto 6 surge em segundo plano.



Figura 59
Esqueleto 6 em plano
ortogonal.



Figura 60
Esqueleto 7 em plano
ortogonal.



Figura 61
Esqueleto 8 em plano
ortogonal.



Figura 62
Esqueleto 9 em plano
oblíquo.



Figura 63
Esqueleto 10 em
plano ortogonal.



Figura 64
Esqueleto 11 em
plano ortogonal.



Figura 65
Esqueleto 12 em
plano ortogonal.



Figura 66
Esqueleto 13 em
plano ortogonal.



Figura 67
Esqueleto 14 em
plano ortogonal.



Figura 68

Esqueleto 15 em plano ortogonal.

**Figura 69**

Esqueleto 16 em plano oblíquo.



Figura 70
Esqueleto 17 em
plano ortogonal.



Figura 71
Esqueleto 18 em
plano ortogonal.



Figura 72

Esqueleto 19 em plano oblíquo (imagem composta). Em primeiro plano, surge o esqueleto 20.





Figura 73

Esqueleto 20 em plano ortogonal. O esqueleto 19 surge em segundo plano.

Figura 74
Esqueleto 21 em
plano oblíquo.



Figura 75
Esqueleto 22
(composto apenas
por ossos da perna
esquerda) em plano
ortogonal.



Figura 76
Esqueleto 23 em
plano oblíquo.



Figura 77
Esqueleto 24 em
plano oblíquo.



Figura 78
Esqueleto 25 em
plano ortogonal.



Figura 79
Esqueleto 26 em
plano ortogonal.



Figura 80
Esqueleto 27 em
plano ortogonal.



Figura 81
Esqueleto 28 em
plano ortogonal.



Figura 82
Esqueleto 29 em
plano ortogonal.



Figura 83
Esqueleto 19
apresentando um
caso de DISH.

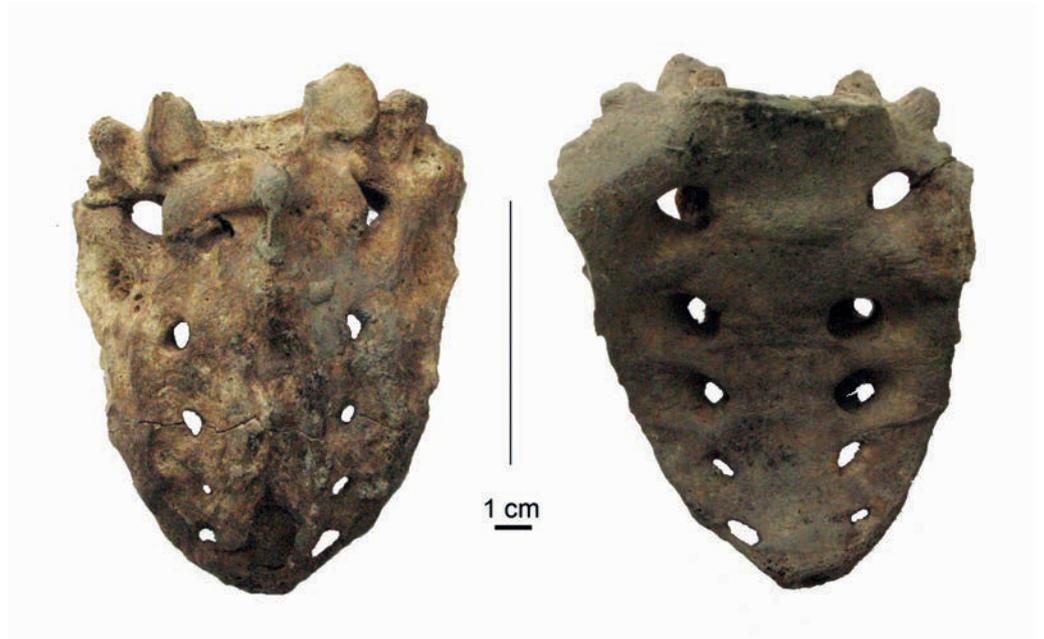


Figura 84
Esqueleto 20
apresentando um
caso de DISH.



Figura 85

Esqueleto 23
apresentando um
caso de lombarização
da S1 e sacralização
da Co1.

**Figura 86**

Esqueleto 26
apresentando um
caso vértebra lombar
supranumerária.



Figura 87
Esqueleto 19
apresentando um
calo ósseo na fíbula
esquerda.



7.5. Comentários Finais

Apesar de todas as condicionantes inerentes a uma intervenção desta natureza, a escavação da área onde se veio a edificar o Centro de Saúde de Alhandra permitiu identificar, analisar e registar diversos vestígios coerentes e em excelente estado de conservação das mais antigas ocupações da antiga Vila e sede de concelho de Alhandra.

Importa aqui sublinhar o papel que este tipo de intervenções preventivas tem para o acautelar da destruição de quaisquer vestígios de índole patrimonial que pudessem vir a existir no subsolo. Esta, se devidamente planeada e acautelada durante a fase de delimitação da obra não têm que colidir ou ser por si só um real entrave ao andamento da execução dos projetos sempre complexos de engenharia.

A escavação em área e em profundidade até aos níveis de base, numa área de cerca de 530 metros quadrados, permitiu reconstituir os ritmos de ocupação humana nesta área da Vila de Alhandra (ver planta final dos trabalhos, figura 88).

A primeira fase de ocupação detetada neste espaço corresponde à edificação em meados do século XVI de uma série de compartimentos de planta quadrangular de cariz habitacional (figura 89). Perante as evidências estratigráficas é possível distinguir diferentes fases e pavimentações destas habitações ao longo do século XVII e XVIII. Estes edifícios são efetivamente desativados e desmantelados em inícios do século XVIII, para a edificação da ermida de São Francisco.

Todo o espaço é então regularizado, criando-se um aterro na área da ermida e no seu exterior. É neste nível de regularização que se vão posteriormente abrir as valas de sepultura da necrópole associada a este espaço sacro (ver figura 91).

A edificação da ermida marca a segunda fase de ocupação deste espaço. Verifica-se algum cuidado com a sua edificação criando-se fortes alicerces que assentam e cortam os níveis geológicos de margas esverdeadas. Contudo este esforço de pouco serviu, pois o edifício acabou por colapsar com o cataclismo de 1755.

Foi contudo possível, escavar e salvaguardar pelo registo arqueológico a totalidade da planta da ermida de São Francisco. Esta, apesar de conservada apenas ao nível dos alicerces, permitiu reconstituir a sua volumetria, e vislumbrar as suas funcionalidades ou espaços (ver figura 92).

Estamos perante uma planta relativamente simples, com uma área interna de 183,10 metros quadrados. O espaço da ermida dividia-se em dois, estando o corpo do templo separado do altar, por duas estruturas que interpretamos como os alicerces de um arco.

Apenas na área que designamos como ambiente 3, foi possível identificar e escavar um espaço de necrópole. Na área do altar, talvez pelo curto espaço de utilização deste edifício, não se chegaram a efetuar enterramentos.

Paralelamente a este edifício religioso identificaram-se a sul e a norte estruturas coetâneas mas com distintas funcionalidades.

A sul foi possível escavar a totalidade uma pequena habitação setecentista, que tinha duas portas. Uma virada à Rua de São Francisco, e outra para o ambiente 2 que deveria ser um pátio ou quintal.

A norte registou-se uma situação mais complexa. A análise atenta das estruturas e da estratigrafia permitiu afirmar, que existiria um espaço aberto de circulação que comunicava com a Rua de São Francisco. É neste espaço, que deveria eventualmente comunicar com uma entrada lateral da ermida, que se identificou uma segunda área de necrópole.

Esta área de circulação comunicava com dois compartimentos paralelos à ermida e algo posteriores a ela. Podiam ser interpretados como espaços de apoio ao edifício reli-

gioso eventualmente a sacristia.

Como referimos, a ermida de São Francisco terá ficado muito arruinada com o terramoto de 1755, não tendo sido reconstruída. Permaneceu assim em estado de ruína até meados do século XX. Francisco Câncio em 1939 refere-nos que à data o templo de São Francisco se encontrava “em plena ruína e abandono.” Acrescentando, “a igreja nada tinha de notável.”, (Câncio, 1939, p. 351).

Concluída a escavação e face à manifesta impossibilidade de compatibilizar a preservação destes alicerces com o novo projeto, as estruturas foram desmanteladas com acompanhamento arqueológico.

A memória deste espaço religioso encontra-se hoje marcada no atual Centro de Saúde, pois os vestígios da antiga fachada, foram integrados no novo edifício. Aliás a entrada no novo Centro de Saúde faz-se precisamente pela antiga porta devidamente restaurada (ver imagem n° 93).

O curto período de funcionamento da Ermida de São Francisco resultou na sua reduzida utilização funerária. Não houve por isso uma ocupação intensiva do espaço e as inumações circunscreveram-se apenas a algumas áreas enquanto outras permaneceram intocadas. Ainda assim, o número de indivíduos detetado indica que terá ocorrido neste local pelo menos cerca de uma inumação por ano em média ($30/34 = 0,88$).

Os objetivos da presente intervenção arqueológica foram totalmente atingidos. A salvaguarda dos restos humanos presentes na área de construção do futuro Centro de Saúde de Alhandra foi conseguida na totalidade. O registo do contexto e das informações de natureza osteológica foi também bem-sucedida e a reconstituição *a posteriori* do sítio e da série de esqueletos nele presente está assegurada pela documentação recolhida. Apenas os esqueletos fortemente afetados pelos trabalhos relacionados com a obra constituem exceção a esta regra.

A potencialidade desta coleção de restos humanos é muito considerável. Apesar do número de indivíduos não ser grande nem representativo de uma população natural, pode ainda assim permitir inferências importantes acerca das populações vivendo nas regiões limítrofes ao Rio Tejo durante o período pré-Terramoto. Na sua maioria, os esqueletos encontram-se em bom estado de preservação e constituirão por isso um excelente objeto de futuros estudos. O seu valor será exponenciado em análises de amplo espectro que, além desta, incluem outras coleções de esqueletos humanos do mesmo contexto crono-cultural.



Figura 88
Planta final da
escavação.

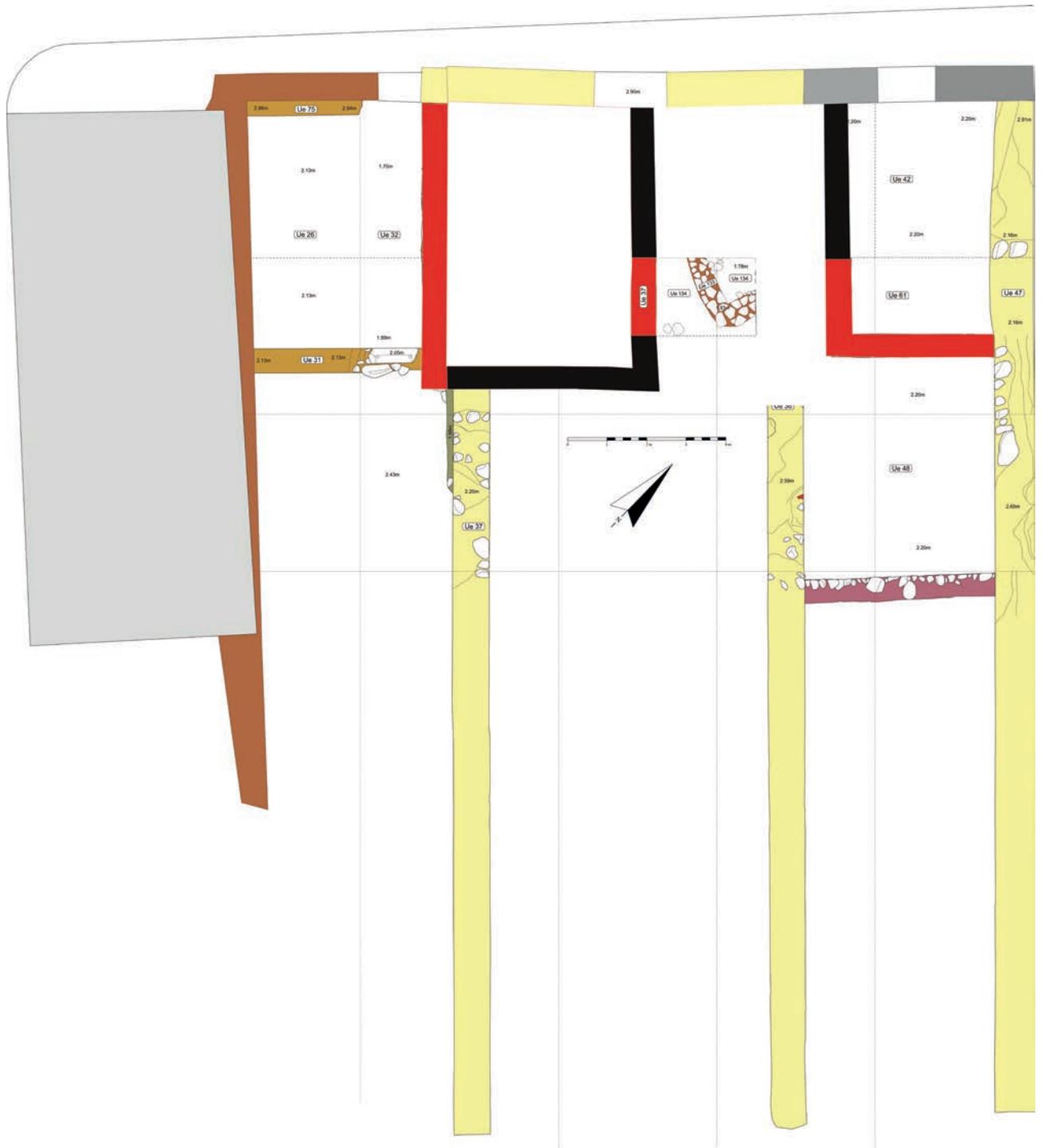


Figura 89
 Planta da primeira
 fase de ocupação.
 A encarnado muros
 mais antigos, a negro
 tentativa de leitura do
 espaço.

Figura 90
Planta final da escavação. Com interpretação da leitura dos espaços correlacionados com a ermida de São Francisco.

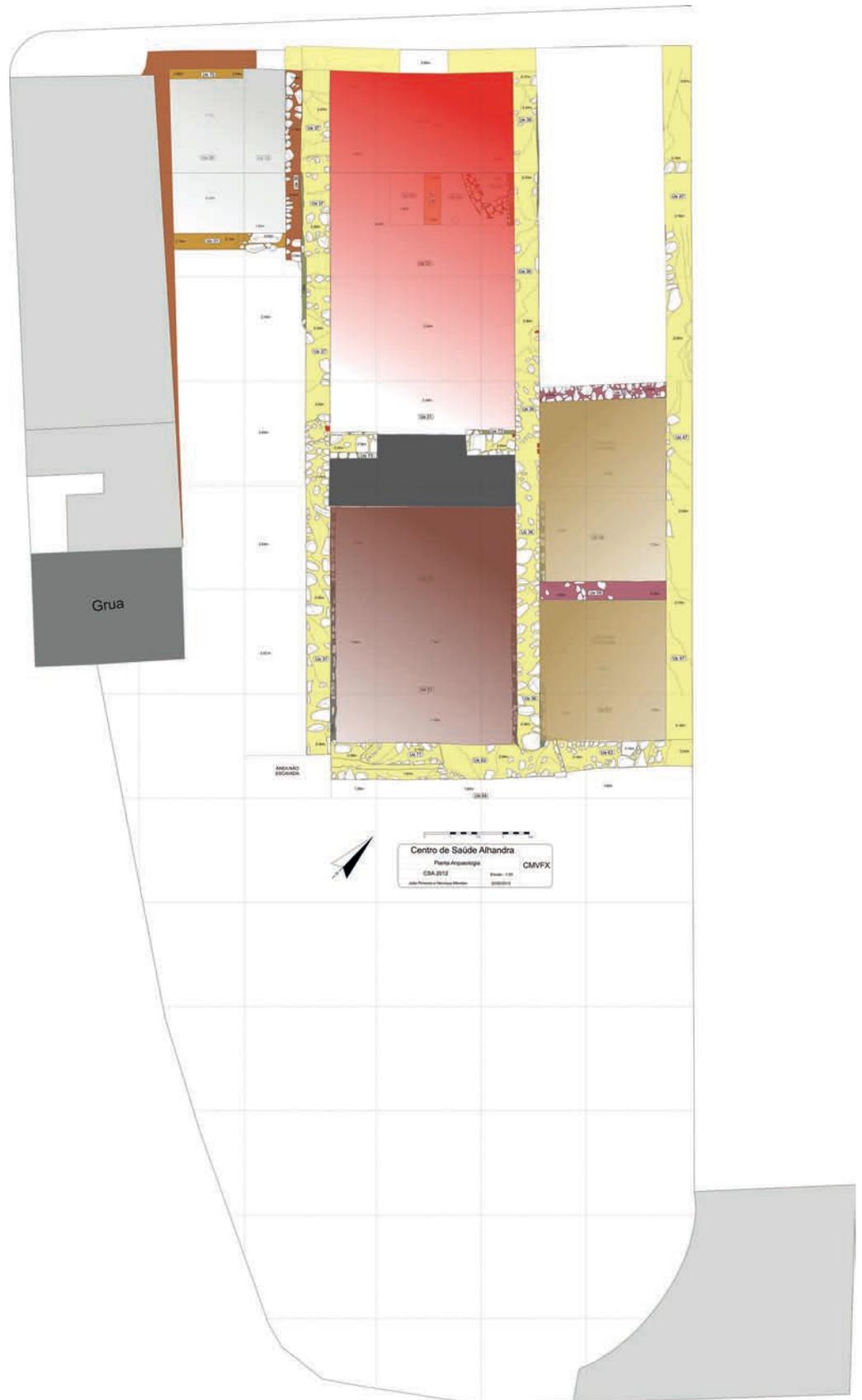




Figura 91
Planta final da
escavação. Com
implantação da área
de necrópole.



Figura 92

Pormenor da planta da escavação, com implantação da área de necrópole no final dos trabalhos.

Figura 93

Pormenor da atual fachada do Centro de Saúde de Alhandra.



8. Bibliografia

- ALBERT, A.M.; MAPLES, W.R. (1995) - Stages of epiphyseal union for thoracic and lumbar vertebral centra as a method for age determination for teenage and young adult skeletons. *Journal of Forensic Sciences* 40(4), p. 623-633.
- BARNES, E. (1994) - *Developmental defects of the axial skeleton in paleopathology*. Niwot, Colorado: University Press of Colorado.
- BARKER, P. (1986) - *Understanding archaeological excavation*. B. T. Batsford Limited. London.
- BARKER, P. (1989) - *Techniques of archaeological excavation*. Courier International Ltd. B. T. Batsford Limited. London.
- BROOKS, S.; SUCHHEY, J.M. (1990) - Skeletal age determination based on the *os pubis*: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution* 5(3), p. 227-238.
- BUCKBERRY, J.L.; CHAMBERLAIN, A. T. (2002) - Age estimation from the auricular surface of the ilium: a revised method. *American Journal of Physical Anthropology* 119, p. 231-239.
- CAMACHO, C. (1994) - A região de Vila Franca de Xira no tempo dos Descobrimentos In *Histórias do Tejo*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 25-41.
- CAMACHO, C.; CALAIS, C.; NUNES, G. (1996) - A presença romana no concelho de Vila Franca de Xira: Investigar, divulgar e animar In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 179-191.
- CÂNCIO, F. (1939) - *Ribatejo Histórico e Monumental*. Vol. III. Junta da Província do Ribatejo.
- CATARINO, H. (2000) - O Castelo de Povos (Apontamentos sobre o período Islâmico em Vila Franca de Xira), *Vila Franca de Xira. Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 43-51.
- COSME, J.; VARANDAS, J. (2010) - Memórias Paroquiais (1758-1759). Vol. II. Alcaria-Alijó. Lisboa. Caleidoscópio.
- DUDAY, H. (2006) - L'archaéothanatologie ou l'archaeologie de la mort. In: *Gowland R, and Knüsel C, editors. Social archaeology of funerary remains*. Oxford: Oxbow Books. p 30-56.

- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980) -Recommendations for Age and Sex Diagnoses of Skeletons. *Journal of Human Evolution*. 9, p. 517-549.
- HARRIS, E. C. (1989) – Principals of archaeological stratigraphy. 2nd edition, London-San Diego: Academic Press.
- JACINTO, M. J. (2012) -*Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos. Centro de Saúde de Alhandra. Sondagens de diagnóstico*. Era Arqueologia. Policopiado.
- MENDONÇA, M. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology* 112, p. 39-48.
- MURAIL, P.; BRUZEK, J.; HOUET, F.; CUNHA, E. (2005) -DSP: a tool for probabilistic sex diagnosis using worldwide variability in hip-bone measurements. *Ulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. 17(3-4), p. 167-176.
- PARREIRA, R. (1986) - Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira: Notícia da parcela 404-1. *Boletim Cultural, CIRA. Vila Franca de Xira*. N.º 2, p.73-81.
- PARREIRA, R. (1987-88) - Inventário do Património Arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6. *Boletim Cultural, CIRA. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*. N.º 3, p. 96-105.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) - A escavação de um troço da estrada romana *Olisipo-Scalabbis*, em Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 10. Número 2, p. 189-228.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.(2007a) - Relatório de Prospecções Arqueológicas no Âmbito do Projecto “Conhecer o Património de Vila Franca de Xira”. Município de Vila Franca de Xira. Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.(2011) – Relatório dos trabalhos arqueológicos na área do futuro centro de Saúde de Alhandra. Município de Vila Franca de Xira. Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2016) –*Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX).
- SCHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEUER, L. (2009) -*Juvenile osteology: a laboratory and field manual*. London: Academic Press.
- SCHEUER, L., BLACK, S. (2000) -*Developmental Juvenile Osteology*. London: Academic Press.
- SILVA, A.M. (1995) - Sex assesment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*. 13, p. 107-119.
- SOUSA, C. O. de. (2008) -*Os Membros da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de Vila Rica: Prestígio e Poder nas Minas (Século XVIII)*. Juiz de Fora: Dissertação de Mestrado em História apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora.
- VAUCHEZ, A. (1995) -*A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII A XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- MARTINS, W. de S. (2009) -*Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (c.1700-1822)*. São Paulo: Edusp.
- UBELAKER, D. (1989) -*Human Skeletal Remains*. Washington: Taraxacum.
- WALDRON, T. (2009) -*Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WASTERLAIN, S.N.; CUNHA, E. (2000) - Comparative performance of femur and humerus epiphysis for sex diagnosis. *Biométrie Humaine et Anthropologie*. 18(1-2), p. 9-13.